

Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

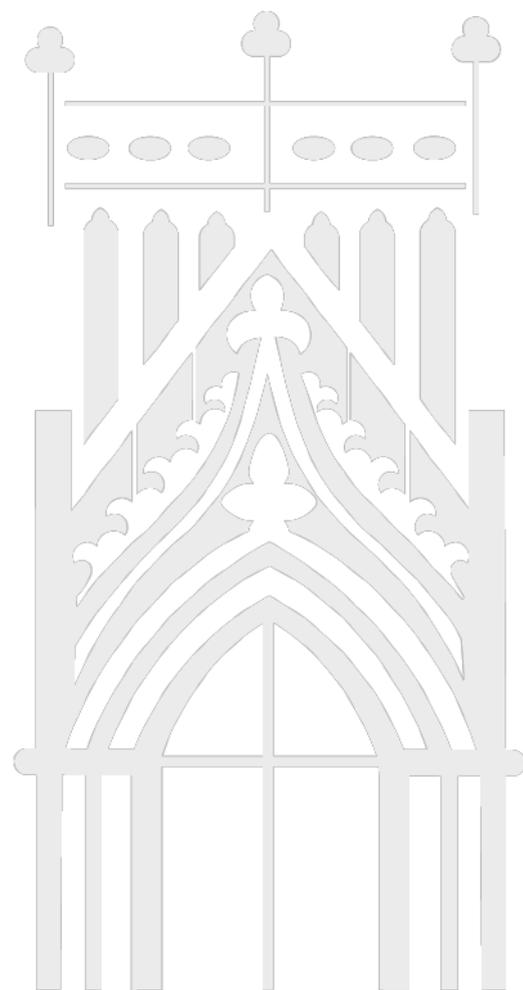
Relatório de Estágio da Prática
de Ensino Supervisionada

Ana Catarina Barreira Teixeira

junho | 2015



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto





Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Ana Catarina Barreira Teixeira

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Filomena Velho

Coorientadora: Professora Doutora Rosa Branca Tracana

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada, apresentado à Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, para cumprimento dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Agradecimentos

No término de mais uma etapa da minha vida, devo expressar os mais sinceros agradecimentos a todos os que me apoiaram neste percurso.

Primeiramente, agradeço à Professora Doutora Filomena Velho, pela sua orientação, disponibilidade e profissionalismo que sempre demonstrou ao longo da realização deste relatório.

Igualmente, à Professora Doutora Rosa Branca Tracana por todas as aprendizagens que me transmitiu e pela disponibilidade que sempre apresentou.

De igual forma, agradeço a todas as crianças, quer da sala dos 3 aos 5 anos, quer do 4º ano e às suas respetivas professoras, pela cumplicidade e empenho na realização de todas as atividades.

Aos meus pais e ao meu irmão os meus sinceros agradecimentos por me terem obrigado a nunca desistir dos meus sonhos.

Ao meu namorado pela paciência e pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis.

A todos os meus colegas e amigos que me acompanharam ao longo de todo o meu percurso académico, pelo companheirismo e pela troca de aprendizagens uns com os outros.

A todos vós, obrigada!

Resumo

O presente Relatório de Estágio foi realizado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no qual são focados os aspetos essenciais e as metodologias utilizadas ao longo da prática.

Neste relatório enquadro a Organização e Administração Escolar, tendo em conta as características do meio envolvente e dos estabelecimentos de ensino, bem como a caracterização psicopedagógica do grupo/turma. Descrevo e reflito sobre algumas das experiências vividas no decorrer da prática de ensino supervisionada. Por fim apresento uma revisão literária juntamente com uma proposta de atividade em relação à temática “A Educação Ambiental na formação da Cidadania”.

Vários autores referem que a maioria dos docentes, tanto ao nível da educação Pré-Escolar como do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, não têm formação suficiente, nem estão preparados para lecionar estas temáticas, não demonstrando por elas o devido reconhecimento.

Neste estudo, pretendo desenvolver uma atividade prática, para a construção de uma horta biológica. A proposta tem uma perspetiva interdisciplinar, atendendo à transversalidade na construção do conhecimento da criança. O que se pretende é demonstrar às crianças a importância de preservar o meio ambiente, transmitindo-lhe valores e atitudes de cidadania.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Cidadania, Valores, Hortas Biológicas, Educação Pré-Escolar.

Abstract

This Training Report was carried out under the course Supervised Teaching Practice Master in Pre-School Education and the first cycle of Basic Education, in which the essential aspects and methodologies used throughout the practice are focused.

In this report I frame the School Organization and Administration, taking into account the characteristics of the environment and of schools, as well as the psycho-pedagogical characterization of the group / class. I also describe and reflect on some of the experiences lived during the supervised teaching practice. Finally I present a literature review along with a proposed activity in relation to the theme "Environmental education in the formation of Citizenship".

Several authors report that the majority of teachers, both in terms of Pre-School education as the first cycle of basic education, do not have enough training or are prepared to teach these topics, and because of that, they are not giving this topic the due recognition.

In this study I propose a didactic activity, for the construction of an organic garden. The proposal has an interdisciplinary perspective, given the transversal in the child's knowledge of construction. The aim is to demonstrate to children the importance of preserving the environment by providing it values and attitudes of a good citizen.

Keywords: Environmental Education, Citizenship, Values, Biological Gardens, pre-school education.

Índice geral

Introdução	9
Capítulo I- Enquadramento Institucional e Administração Escolar	11
2.2 Caracterização do Jardim de Infância da Póvoa do Mileu	16
2.2.1 A sala de atividades.....	17
2.3 Caracterização da Escola Básica Augusto Gil	19
2.3.1 Caracterização da sala de aula	21
2.4 Caracterização Psicopedagógica do grupo de crianças da PES I e PES II.....	22
2.4.1 O grupo do Pré-Escolar.....	22
2.4.2 A turma do 1º CEB.....	26
Capítulo II- Descrição do processo da prática de Ensino Supervisionada.....	29
2. Descrição do processo da Prática de Ensino Supervisionada	30
2.1- Prática de Ensino Supervisionada no Pré-Escolar	33
2.2- Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico	37
Capítulo III- A Educação Ambiental na formação da Cidadania	41
3.1- A formação da Cidadania na Educação Pré-Escolar	43
3.2- A Educação Ambiental na Educação Pré-Escolar	45
3.3- A Educação Ambiental na Formação da Cidadania.....	47
3.4- Descrição geral da Proposta Pedagógica	49
Considerações Finais	54
Bibliografia	56
Legislação	62
Webgrafia.....	62

Índice figuras

Figura 1 - Mapa referente às freguesias do concelho da Guarda ¹	15
Figura 2-Jardim de Infância da Póvoa do Mileu.	16
Figura 3 - Planta da sala do Pré-escolar	18
Figura 4-Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico	19
Figura 5-Escada interior da instituição.....	20
Figura 6-Biblioteca Escolar.	20
Figura 7- Unidade de ensino estruturado.	20
Figura 8 - Planta da Sala	21
Figura 9 – Horta Biológica Vertical após plantação.....	52
Figura 10 – Horta Biológica após 4 semanas de sementeira	52
Figura 12 – Horta vertical em tubos de pvc	52
Figura 11 – Morangueiros plantados em tubos de pvc.....	52

Índice de gráficos

Gráfico 1- Género do grupo	22
Gráfico 2- Idades do grupo.....	23
Gráfico 3 -Número de alunos da turma, diferenciado por géneros.....	26

Índice de tabelas

Tabela 1- Caracterização Individual das crianças segundo as idades	25
Tabela 2- Caracterização Individual dos alunos	27
Tabela 3- Planificação do projeto.....	50

Introdução

A elaboração do presente trabalho surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Este Mestrado engloba a Prática de Ensino Supervisionada (PES) cuja estrutura contempla dois estágios, um em cada um dos ciclos referidos anteriormente.

O presente documento contém aspetos relacionados com cada um dos estágios realizados. De acordo com a estrutura estabelecida pela Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto (ESECD) da Guarda, este relatório encontra-se dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo faz referência ao enquadramento institucional- organização e administração escolar e está organizado em duas partes, remetendo a primeira para a organização do sistema educativo, incluindo a caracterização do meio e das instituições onde foram realizados os estágios e a segunda para a caracterização sociopedagógica do grupo/turma, onde será aprofundado o desenvolvimento intelectual e psicológico do grupo/turma referidos.

O segundo capítulo é dedicado à descrição do processo da Práticas de Ensino Supervisionada, no Ensino Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico. Pretende-se que seja referida a importância das atividades selecionadas bem como uma reflexão relativamente ao modo como foram transmitidos os conteúdos das diferentes áreas do saber.

No que concerne ao terceiro capítulo estará presente uma revisão literária relativamente ao tema “A educação ambiental na formação da cidadania”. É fundamental que o educador/professor tenha consciência que tem de formar pessoas íntegras com capacidade de conviver com o outro em comunidade. Decorre deste modo a relevância de fazer um estudo de como é que a escola, através da educação ambiental, pode formar um cidadão correto/ integro/ responsável.

Nesta sequência, vou propor a construção de uma horta biológica num jardim de infância, para que as crianças desde tenra idade tenham consciência da preservação do meio ambiente e da respetiva importância. Esta atividade será desenvolvida futuramente com crianças em idade Pré-Escolar.

A criança através das aprendizagens significativas, poderá desenvolver o sentido de responsabilidade em relação aos problemas ambientais atuais, colaborando na resolução dos mesmos.

De um modo geral, pretende-se formar uma ligação íntima entre o meio ambiente e o individuo. Para tal, segundo Monteiro (2009), devemos desenvolver uma consciência pública

ecológica, visando fomentar na cidadania atual, o exercício de boas práticas, a nível individual e a nível coletivo, para o uso e conservação dos recursos naturais.

Pretende-se então, consciencializar os educadores/professores relativamente à importância de promover a formação de alunos, que estes possam agir de forma cívica ao nível do ambiente, para que as gerações vindouras possam usufruir dos benefícios deste nosso planeta que é fundamental para a nossa sobrevivência.

Capítulo I- Enquadramento Institucional e Administração Escolar

1. Enquadramento Institucional- Organização Escolar

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/1986 de 14 de outubro, art. 1º: 3067), o sistema educativo português, onde se insere a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, *é o conjunto de meios pela qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.*

A educação básica, é a base de toda a formação do ser humano. Segundo o Ministério da Educação, 1986, o ensino básico inicia o percurso de educação formal que se deve prolongar num processo de formação ao longo da vida, esta formação deverá também garantir o desenvolvimento dos interesses e das aptidões dos estudantes, promovendo a realização individual, em harmonia com os valores de cidadania.

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Ministério da Educação, 2007, p. 15). Sendo a primeira etapa do percurso educacional, prolonga-se num processo de formação ao longo da vida.

No pré-escolar são exploradas diferentes áreas, nomeadamente a área de formação pessoal e social, a área do conhecimento do mundo e a área de expressão e comunicação, subdividida em três domínios, que são o domínio da matemática, o domínio das expressões e o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.

Esta fase da educação visa uma pedagogia estruturada, através da qual o educador, partindo do contexto concreto das crianças e das suas experiências, deve orientá-las no sentido de que sejam elas próprias a construir ativamente os seus processos de desenvolvimento e aprendizagem, visando uma educação por questionamento.

O 1º Ciclo do Ensino Básico é constituído pelos primeiros quatro anos de escolaridade, onde são lecionadas diferentes áreas curriculares, nomeadamente, a língua portuguesa, a matemática, o estudo do meio e as expressões, que englobam a expressão e educação musical, a expressão e educação dramática, a expressão e educação plástica e a expressão e educação físico-motora. Existem ainda as áreas curriculares não disciplinares que são, o estudo acompanhado, a formação cívica, a área projeto e a área de formação pessoal e social.

Assim sendo, o ensino básico constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente, para aprofundar a democratização da sociedade, perspectiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade (DEB, 2006, p.11).

2. Enquadramento Institucional- Administração Escolar

2.1 Caracterização do Meio envolvente

No dia 27 de Novembro de 1199, foi fundada através do foral de D. Sancho I, a cidade da Guarda. O propósito da sua fundação foi o de assistir como centro administrativo de comércio, organização e defesa da fronteira da Beira contra os reinos do centro da Península Ibérica (originalmente Reino de Leão, depois Castela e, finalmente, Espanha). Terá sido a este propósito que se deve o nome Guarda.

Esta cidade é hoje a capital de distrito da Guarda, localiza-se na província da Beira Alta, confinante com os concelhos de Celorico da Beira, Pinhel, Sabugal, Manteigas, Belmonte e Covilhã, no flanco nordeste da Serra da Estrela, atinge, no ponto de maior altitude, 1056 metros, localizando-se a menos de 45 quilómetros da fronteira de Espanha, que segundo Nuno Montemor, citado por Adriano Rodrigues (2000, p.17), a cidade da Guarda encontra-se *localizada à latitude N. 40° 24' e longitude O. de P. 10° 40', com a Torre de Menagem a 1056 metros acima do nível do mar, situa-se nas faldas da Serra da Estrela, (1991m), outrora Montes Hermínios Maiores, continuidade geográfica mais ocidental do sistema montanhoso Lusitano – Castelhana. Está rodeada de depressões, onde correm rios como o Mondego, o Zêzere, o Alva e o Côa que, desde os alvares da Humanidade facilitaram a vida, quer pelas condições de clima, quer pela generosidade de recursos. Encontra-se numa área de comprovada ancestralidade humana. Com uma área de cerca de oito quilómetros, a população é de 25 520 residentes (Dados preliminares do Censo de 2001), distribuídos por três freguesias: a da Sé, a de S. Vicente e a de S. Miguel, situando-se a sede de agrupamento nesta última.*

É conhecida como a cidade dos 5 F's que advêm dos cinco nomes que a caracterizam: Forte, Farta, Fria; Fiel e Formosa. Considerada Farta, pois desde sempre os vales do Mondego a encheram do necessário. Forte porque da sua fortaleza falam os troços e portas das muralhas. Fria, pois o seu clima tipicamente montanhoso assim o decide, sendo considerada uma das cidades mais frias de Portugal. Fiel, porque advêm do alcaide Álvaro Gil Cabral, fiel ao Mestre de Avis, durante a crise 1383 – 85, se ter negado a entregar as chaves da cidade ao Rei de Castela. E, finalmente Formosa que se deve à sua beleza natural, que a envolve.

Para além destas características, esta cidade ainda é detentora de alguns monumentos arquitetónicos, encontrando-se a maioria situados no centro histórico. (Exemplos: Sé Catedral, Igreja da Misericórdia, Capela do Mileu, Torre dos Ferreiros, Torre de Menagem – castelo, Muralhas da cidade, Judiaria e Antigo Paço Episcopal).

No âmbito regional, considerando a Beira Interior Norte, região onde se evidenciou ao longo do século XX o fenómeno do êxodo rural, o concelho da Guarda (figura 1) constituiu exceção. Com uma área de 717,9 Km², este concelho detém os maiores quantitativos demográficos regionais, sendo o único a registar um crescimento populacional positivo.



Figura 1 - Mapa referente às freguesias do concelho da Guarda¹

¹ Retirado de www.mun.guarda.pt, no dia 8 de maio de 2014

2.2 Caracterização do Jardim de Infância da Póvoa do Mileu

A Póvoa do Mileu é hoje parte integrante da cidade da Guarda. A parte “Velha” é ainda um povoado de casas antigas com a construção de pedra, onde vivem famílias de baixos recursos económicos. A maioria destas famílias vivem ainda da agricultura de subsistência ou de profissões ligadas ao sector primário. Alguns trabalham ainda nas indústrias existentes (lacticínios, metalomecânicas, construção civil, confeções, granito, mármore, comércio e transporte).

Paralelamente começaram a construir-se moradias de alguma qualidade, blocos de apartamentos e a recuperar casas antigas. Esta expansão da construção trouxe à Póvoa do Mileu outro tipo de moradores como agregados familiares de passagem (não se fixam muitos anos) motoristas de longo curso, outras profissões sazonais ou desempregados que procuram trabalho. Esta zona da cidade é uma das privilegiadas em termo de transportes, por ser uma das principais portas de entrada da Cidade.

O jardim de Infância da póvoa do Mileu (figura 2) situa-se neste bairro circundante à cidade da Guarda, sendo rico em diversos centros de interesses para as crianças, nomeadamente a fábrica dos lacticínios, farmácia, instituições bancárias, a repartição dos CTT, a Capela do Mileu e o Convento das Carmelitas.

Este jardim de infância pertence à rede pública do Ministério da Educação, situa-se no principal eixo rodoviário de acesso ao centro da cidade da Guarda, na freguesia de São Vicente, estando inserido no Agrupamento de Escolas de São Miguel- Guarda.



Figura 2-Jardim de Infância da Póvoa do Mileu.

Fonte: Própria.

O Jardim de Infância da Póvoa do Mileu é constituído por duas salas de atividades e uma sala polivalente onde funciona a componente de apoio à família.

A sala número um foi construída de raiz para o jardim de infância, enquanto as salas número dois e polivalente funcionam em espaços adaptados alugados pela Autarquia, no rés do chão de um prédio, situado na Avenida Cidade Waterbury.

No que diz respeito ao espaço exterior envolvente apenas comporta uma das salas de atividade, aquela que foi construída de raiz para o efeito. É um espaço amplo, agradável, engloba uma horta, um jardim, baloiços e uma zona com uma caixa de areia. O espaço exterior constitui assim uma zona de aprendizagem bem como uma zona de lazer. É de salientar que as crianças da sala número dois não têm acesso direto a este local, tendo que se deslocar por um vão de escadas exterior.

Todos os espaços interiores têm condições razoáveis, respondendo às necessidades das crianças, dando oportunidade às educadoras para desenvolverem o seu trabalho de forma profícua.

A sala da Componente de Apoio à Família (CAF.), funciona no 1º andar do prédio, contígua à sala n.º 2. Esta sala tem as condições mínimas para funcionar, com alguma qualidade. Neste espaço encontram-se animadoras sociais para auxílio das crianças no decorrer das refeições a promovem atividades com as crianças que necessitam desta componente devido ao horário dos encarregados de educação.

A instituição apresenta vários documentos, sendo uns pertencentes a todos os jardins de infância do Agrupamento de Escolas de S. Miguel e outros apenas à sala em causa. Aqueles que são comuns a todos os jardins de infância são: O regulamento interno, a avaliação de desempenho, o projeto curricular do agrupamento, o plano anual de atividades e o projeto educativo. No que concerne aos documentos que cada sala constrói e desenvolve posso destacar: O plano anual de atividades e o projeto curricular de sala, sendo estes construídos de acordo com o tema geral proposto pelo agrupamento.

2.2.1 A sala de atividades

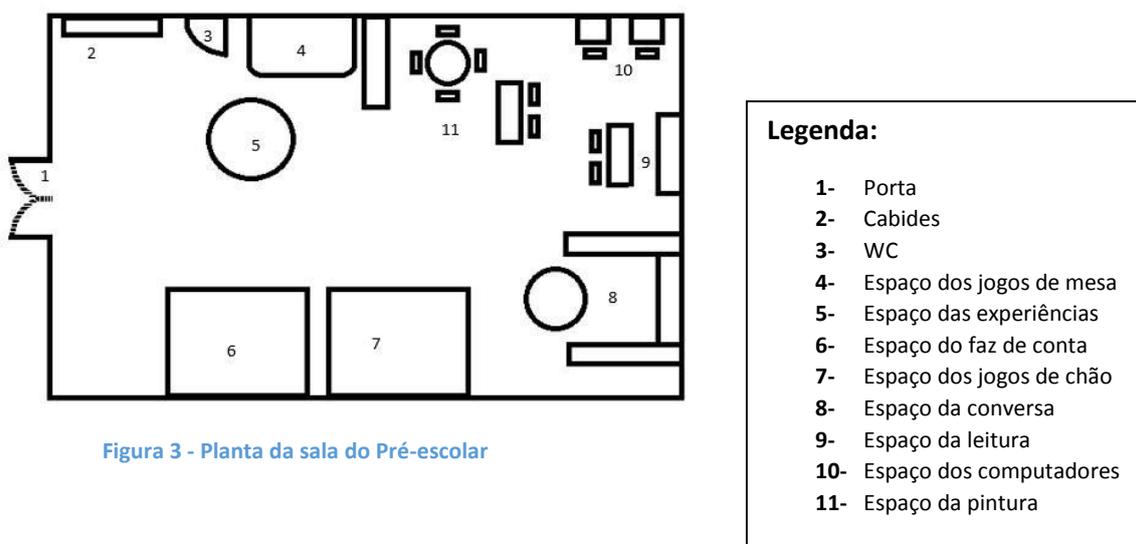
A sala n.º2, surge para dar resposta às crianças em lista de espera e abriu provisoriamente no ano letivo 2001/2002, num espaço (o qual se destinava a uma superfície comercial), alugado pela Câmara Municipal, o 1º andar do prédio mais próximo da sala n.º 1. Das instalações fazem parte uma sala de atividades, pintada de cor de laranja e verde. Esta sala é dotada de um sistema integrado de aquecimento (água quente). Possui casa de banho para adultos e outra para crianças; um Hall de entrada que serve de apoio a esta sala como vestiário e dá acesso às casas de banho. Existe uma sala de apoio à componente letiva, onde são feitas as reuniões com os encarregados de educação e onde são guardados os materiais que não se enquadram no projeto curricular de turma. Esta sala de atividades dá resposta a um grupo de crianças de 3, 4 e 5 anos.

As salas do jardim de infância estão divididos por áreas ou espaços, promovendo a organização das crianças. Estes criam e favorecem um clima de convivência entre as crianças. *O espaço da sala deve proporcionar uma sensação de ordem e de conforto, deve ter espaços para o trabalho individual e para o trabalho em equipa e deve permitir tanto a atividade como o relaxamento. E também, deve dispor de uma ambientação estimulante.* (Marques, 2001, p.32).

Cada uma das áreas engloba todos os materiais necessários para desenvolver atividades relacionadas com cada espaço. O material didático é muito vasto, dando resposta a situações e finalidades cada vez mais abrangentes. Há a preocupação de adquirir jogos de boa qualidade que contribuem para um desenvolvimento cognitivo global, nomeadamente a capacidade de memorização, atenção, de maior apelo à flexibilidade do raciocínio, à conciliação oral, à iniciação, à matemática, tanto em grupo como a nível individual.

Os espaços potencializam a aprendizagem em relação ao meio, aos jogos como recurso de aprendizagem e recorrem à responsabilidade no uso e conservação dos materiais.

Em todos os espaços se verifica a presença de um quadro de registo com um certo número limite de crianças por local. Neste quadro cada criança coloca o seu nome, ou o seu símbolo (no caso das crianças mais pequenas). Este registo permite não só delimitar o número de crianças por espaço, bem como verificar as preferências das mesmas.



Fonte: Própria

2.3 Caracterização da Escola Básica Augusto Gil

A Escola Básica Augusto Gil (figura 4) fica situada na freguesia da Sé. É a maior em área, uma vez que cresceu significativamente nos últimos vinte anos, contudo é a que ainda apresenta a menor densidade populacional.

O que caracteriza esta freguesia é o seu património que simboliza um passado de grande riqueza. O monumento que lhe dá o nome é a Sé Catedral que, segundo o Adriano Vasco Rodrigues, a considera o melhor símbolo desta cidade: Sóbrio e cheio de personalidade como o povo serrano, tem o ideal da sua gente, tem a beleza, inconfundível da serra nas formas artísticas de granito escuro, onde perpassa a majestade dos artigos fidalgos beirões, rudes e francos, leais e fortes, simples e místicos.

A Escola Augusto Gil situa-se no largo João de Deus. A sua localização é privilegiada uma vez que se encontra próxima de vários centros de relevância nomeadamente: o Governo Civil, Polícia, Museu, Câmara Municipal, Jardim José de Lemos, Teatro Municipal da Guarda, Correios, Igrejas e Monumentos. Deste modo, poderão ser trabalhados alguns conteúdos com os alunos através de visitas pelo centro da cidade, promovendo experiências reais e significativas.



Figura 4-Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico

Fonte: Própria.

A escola foi recentemente remodelada e apresenta excelentes condições arquitetónicas. Encontra-se adornada com um espaço interior e exterior. No que concerne ao espaço exterior, posso dizer que este apresenta uma área ampla, delimitado por muros e grades. O seu terreno é, em algumas zonas, nivelado e noutras com degraus. Ao nível do equipamento lúdico, possui uma tabela de basquetebol, uma caixa de areia e uma macaca desenhada no chão. *A escola, como templo da aprendizagem autêntica que lhe cumpre ser, deve ser um espaço de felicidade para as*

crianças e os jovens que nela passam uma parte longa e importante da sua vida. (Ribeiro, 1992, p.72).

No que concerne ao espaço interior está estruturado por três pisos: Rés-do-chão, 1º e 2º andares. O Rés-do-chão destina-se ao acolhimento na escola. Neste, encontra-se também, um espaço designado por salão polivalente, destinado a atividades de Expressão e Educação Físico Motora, bem como espaço de recreio quando as condições climatéricas são desfavoráveis.

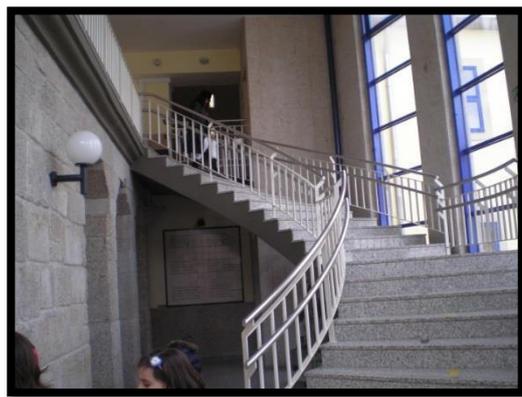


Figura 5-Escada interior da instituição.

Fonte: Própria.

O primeiro piso é destinado à prática letiva, é dividido em sete salas todas elas adornadas de vários equipamentos, quadro de giz e magnético, armários, mesas, cadeiras, placares, computador e uma tela, para aplicação do retroprojektor. Este piso apresenta ainda, uma sala destinada às assistentes operacionais, os wc´s e uma sala destinada ao Apoio de Educação, para onde vão esporadicamente as crianças com necessidades educativas especiais.

O segundo piso está dividido em cinco áreas: a da biblioteca escolar (figura 6), em que estão dispostos vários livros que poderão ser consultados e requisitados pelos alunos. A área dos computadores, que está permanentemente ativa para que os alunos possam usufruir dos mesmos. A sala dos professores, onde estes podem reunir-se com privacidade. E ainda, duas áreas destinadas ao apoio de alunos com Necessidades Educativas Especiais, tais como a área da Musicoterapia e também a área da Unidade de Ensino Estruturado de Autismo (figura 7).



Figura 7- Unidade de ensino estruturado.

Fonte: Própria.



Figura 6-Biblioteca Escolar.

Fonte: Própria.

2.3.1 Caracterização da sala de aula

A sala do quarto ano de escolaridade é caracterizada como a sala da turma da amizade. A maioria dos alunos estão, sentados a pares, por cada mesa, mas existem outros, que se encontram sentados individualmente. No caso dos alunos com maior défice de atenção.

A organização da sala permite uma visualização e acompanhamento de todos os alunos. As mesas não se encontram todas na vertical, verificando que algumas se dispõem longitudinalmente. Para além do que referimos anteriormente, a sala só dispõe de uma janela, no ponto mais equidistante da mesma o que se torna exígua e complicada a observação dos alunos.

No que respeita ao aquecimento da sala, possui dois aquecedores, proporcionando um ambiente agradável e acolhedor.

Em termos de locais de arrumação, existem três armários, que só a professora utiliza, onde estão inseridos alguns materiais e recursos, que podem ser utilizados pelos educandos, quando for necessário. Num dos armários, a docente guarda, as pastas dos alunos, cada uma com a sua identificação, para durante o ano letivo, serem guardados, todas as fichas e trabalhos realizados, que por sua vez, servirão, futuramente, como instrumentos de avaliação, visto que o ensino básico, *exige a diversificação das actividades realizadas, das metodologias utilizadas, sendo necessário que cada professor dê mais rigor à avaliação informal, realizada no decurso da aprendizagem, utilizando uma panóplia de instrumentos de avaliação que permita obter informação sobre todos os domínios dessa mesma aprendizagem.* (Lemos, 1992, p.33).

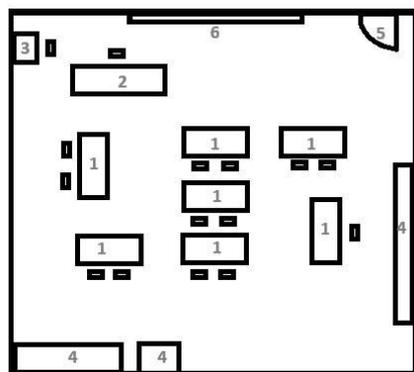


Figura 8 - Planta da Sala

Legenda:

- 1- Mesa
- 2- Secretária
- 3- Computador
- 4- Armário
- 5- Porta
- 6- Quadro

Fonte: Própria

Nesta sala de aula, também existe a presença de um computador, que possibilita e promove a pesquisa. É uma ferramenta bastante útil e importante, pois fomenta a autonomia, desenvolve o enriquecimento dos conhecimentos e apoia no processo de reflexão e construção do conhecimento dos alunos.

Relativamente aos outros recursos e materiais, presentes na sala, também promovem e facilitam o processo de ensino-aprendizagem, constituindo recursos educativos convenientes à prática educativa. Caso os recursos não se encontrem na sala basta solicitá-lo previamente, uma vez que a escola possui todos os materiais necessários para uma aprendizagem diversificada.

Tal como reitera Balancho (1996, p.5), *a arquitetura pode não ser bela, mas deve ser mais do que isso; deve conter espaço em que algumas atividades possam ser realizadas de maneira cómoda e eficiente.*

2.4 Caracterização Psicopedagógica do grupo de crianças da PES I e PES II

2.4.1 O grupo do Pré-Escolar

O grupo de crianças da sala número dois do Jardim de Infância da Póvoa do Mileu é heterogéneo, constituído por onze crianças como podemos verificar no gráfico 1. Nove das crianças são do género masculino e duas do género feminino.

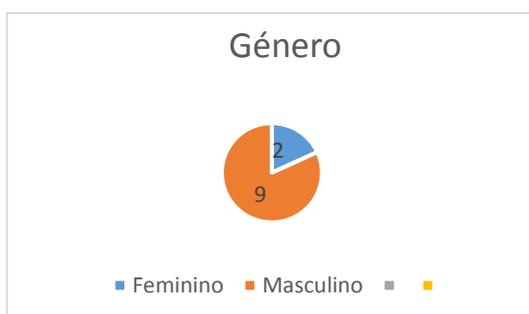


Gráfico 1- Género do grupo

Fonte: Própria

Em relação às idades, neste grupo estão compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Salienta-se que quatro das crianças têm três anos de idade; apenas uma criança tem quatro anos e os restantes seis elementos do grupo já se encontram com cinco anos.

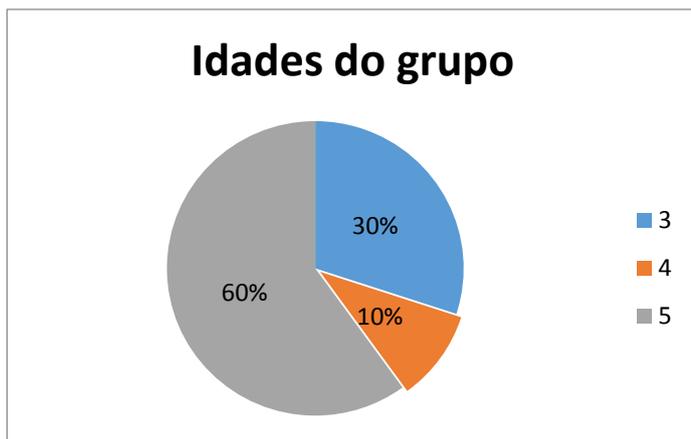


Gráfico 2- Idades do grupo

Fonte: Própria

Relativamente ao parentesco do encarregado de educação, a totalidade das crianças apresenta a mãe a desempenhar essa função. É de salientar ainda que todas as crianças apresentam a área de residência na Guarda, exceto uma criança que reside em Celorico da Beira.

É importante caracterizar o grupo a nível do desenvolvimento. A nível cognitivo, estas crianças encontram-se no estágio pré-operatório. De acordo com Piaget (1972), neste estágio o pensamento corresponde a uma ação interiorizada, assente na capacidade de simbolização. A criança passa a poder representar objetos e ações por símbolos. A principal característica deste estágio, ao nível do pensamento, é o egocentrismo que se define pelo entendimento pessoal que o mundo foi criado para si e pela incapacidade de compreender as relações entre as coisas. Nestas idades as crianças não compreendem o ponto de vista do outro porque se centram no seu. O

egocentrismo está muito presente no início deste estágio embora se vá descentralizando à medida que se aproxima do estágio seguinte.

Segundo Piaget citado por Tavares *et al* (2007), as crianças entre os 2 e os 7 anos encontram-se no estágio Pré-Operatório. Ao nível comportamental, estas crianças, apresentam uma inteligência representativa, um egocentrismo intelectual, um pensamento mágico designado por animismo, desempenham uma função simbólica através da linguagem e do desenho e ainda, entre os 4 e os 7 anos passam a ter um pensamento intuitivo.

Em relação ao comportamento do grupo, este é de um modo geral, calmo, amável e possui comportamentos assertivos. Trata-se de um grupo dinâmico, com vontade de trabalhar e de realizar as diversas aprendizagens.

No que concerne à interajuda, pode salientar-se que neste grupo este aspeto está muito presente, refletindo-se nas atividades de grupo. Através das diversas atividades desenvolvidas ao longo dos dias este conceito esteve sempre patente, até no simples facto de uma criança ajudar outra a desempenhar determinada tarefa como arrumar um jogo, colocar corretamente o seu símbolo no quadro que se encontra em cada espaço da sala de atividades.

Quanto à autonomia, algumas das crianças do grupo ainda não são totalmente autónomas para atividades simples do quotidiano, como desapertar o botão das calças ou até mesmo apertar os atacadores dos sapatos. Esta falta de autonomia só está presente nas crianças de três anos.

Ao nível das competências da linguagem, a maioria do grupo possui uma linguagem enriquecida e bem desenvolvida sem a utilização de diminutivos. No entanto, existe uma minoria, que apresenta alguma dificuldade nesta competência, nomeadamente ao nível da expressão oral. Salienta-se que uma criança do grupo, com cinco anos de idade, que troca algumas consoantes, tornando difícil a compreensão da sua expressão oral. Esta troca o “p” pelo “f”, ou seja em vez de dizer “fiz” diz “piz”, este é apenas um dos exemplos da sua dificuldade.

De um modo geral as crianças conseguem compreender facilmente as mensagens orais e possuem um vasto léxico de palavras. O grupo de crianças de cinco anos já consegue reconhecer por escrito o seu nome e dos seus colegas, identificando-os no quadro de presenças.

Na área do Conhecimento do Mundo, já possuem algumas noções significativas sobre o corpo humano, o meio físico, têm noções espaciais e temporais, discriminam ainda, as cores, as formas e os tamanhos.

No que se refere à motricidade fina, as crianças de quatro e cinco anos, já conseguem colorir as imagens, respeitando os contornos. Quanto ao desenho da figura humana, esta é notória

e diferenciada, realizam desenhos completos e estruturados. Também já são capazes de escrever o nome, utilizar corretamente a tesoura e o pincel. As crianças de três anos, ainda apresentam dificuldades em colorir imagens, não respeitando os limites da mesma.

Em relação à autonomia na escolha do material didático, o grupo demonstra ser autônomo. Quando realiza as suas atividades lúdicas, retira os materiais do local, deixando-os novamente no seu sítio após a utilização.

Tabela 1- Caracterização Individual das crianças segundo as idades

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL DAS CRIANÇAS																						
I d a d e s	Comunicativo	Inibido	Ansiioso	Calmo	Agressivo	Espontâneo	Sociável	Egoísta	Colaborante	Observador	Participativo	Autônomo	Organizado	Criativo	Atento	Respeitador	Expressivo	Alegre	Impulsivo	Responsável	Assíduo	Pontual
	3		x	X			x	X	x	X	x	X			x			x	x	x		x
3	X			x		x	x	x	X	x	X	x		x	x	x	x	x	x		x	x
3		x		x		x	x	x	X			x		x	x	x		x		x	x	x
3	X			x			x	x	X	x	x			x		x	x	x	x		x	x
4	X			x	x	x	x		X	x	x	x	x	x	x		x	x	x		x	x
5	X		x	x		x	x		X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x
5	X	x		x		x	x		X	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x
5	X		X	x		x	x		X	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
5		x	x	x			x		X	x		x	x	x	x	x		x		x	x	x
5	X	x				x	x		X	x	x	x		x		x	x	x	x		x	x
5	X					x	x		X	x	x			x				x	x		x	X

Fonte: Própria

2.4.2 A turma do 1º CEB

No presente ano letivo, a turma é constituída por doze crianças, com idades abrangidas entre oito e nove anos, visto ser uma turma heterogénea. Nesta turma, sete crianças são do género feminino e cinco são do género masculino como podemos observar no gráfico 3.

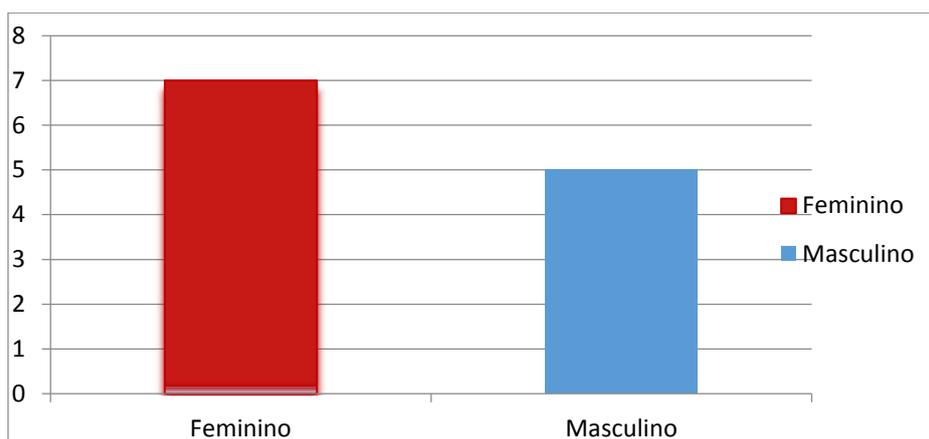


Gráfico 3 -Número de alunos da turma, diferenciado por géneros

Fonte: Própria

Estes alunos encontram-se no estágio das operações concretas, que para Piaget (1977), se caracteriza pela reorganização verdadeira do pensamento. No estágio anterior, o pré-operatório, as crianças são sonhadoras, muito imaginativas e criativas. É a partir do estágio das operações concretas que começam a ver o mundo com mais realismo, deixando de confundir o real com a fantasia.

Neste estágio a criança já consegue realizar operações, no entanto, precisa da realidade concreta para as poder realizar. Ou seja, o seu pensamento é descritivo e intuitivo, parte do particular para o geral.

Segundo Piaget citado por Tavares *et al* (2007), as crianças com idades entre os 7 e os 11/12 anos encontram-se no estágio das Operações Concretas. Ao nível comportamental, estas crianças, apresentam uma reversibilidade mental, um pensamento lógico em que têm uma ação sobre o real, desenvolvem operações mentais que os permite contar, medir, classificar, seriar e ordenar, têm ainda noção de tempo e de velocidade.

Com a interiorização das regras sociais e morais, a criança dá grande importância à amizade, companheirismo e partilha.

Consoante o desenvolvimento das atividades propostas ao longo deste profícuo estágio, verificamos que a turma apresenta capacidades bem desenvolvidas ao nível da aprendizagem. Salientamos também que ao nível da motivação e do empenho, os alunos demonstraram-se ativos e participativos durante a aquisição dos conhecimentos.

Tabela 2- Caracterização Individual dos alunos

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL DOS ALUNOS																						
I d e s	Comunicativo	Inibido	Ansiioso	Calm	Agressivo	Espontâneo	Sociável	Egoísta	Colaborante	Observador	Participativo	Autónomo	Organizado	Criativo	Atento	Respeitador	Expressivo	Alegre	Impulsivo	Responsável	Assíduo	Pontual
	8	X	X	X	x		X	X		X	x	X	x	x	x		x	x	x		X	X
8	X			x		X	x		X	x	X	x	x	x	x	x	x	x		X	X	X
8		X		x			x		X			x		x	x	x		x		x	X	X
8	X			x			x		X	x	x			x		x	x	x	x		x	X
9	X			x		x	x		X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
9	X			x		x	x		X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
9	X	X		x		x	x		X	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x
9	X		X	x		x	x		X	x	x		x	x	x	x	x	x		x	x	x
9		X		x			x		X	x		x	x	x	x	x		x		x	x	x
9	X					x	x		X	x	x	x		x			x	x	x		x	x
9	X				X	x	x		X	x	x			x				x	x		x	X
9	X			x		x	x		X	x	x	x		x		x	x	x	x	x	x	X

Fonte: Própria

A turma, no geral, demonstra uma grande capacidade de compreensão e de assimilação dos conteúdos, é de salientar também, que estas conseguem memorizar e repetir diversos aspetos e alcançam o sentido de “jogo do pensamento”, em que *encaram o pensamento e a aprendizagem como um desafio intelectual, poi começam a compreender que o pensamento envolve a planificação, a procura, de uma lógica de acção, a construção de alternativas e a consistência na resolução.* (Berger, 2000, citado por Tavares *et al*, 2007, p.59).

Todos os elementos da turma apresentam famílias bem estruturadas, refletindo assim as suas atitudes. *Desde que nascem, as crianças vivem numa família que representa o modelo de interacção mais precoce que estabelecem com o mundo, é natural que as crianças estejam profundamente motivadas para imitar os membros da família nas suas crenças, atitudes e acções.* (Salema, 1997, p. 50). A família juntamente com o meio onde a criança está inserida influencia o desempenho da mesma na escola. Uma criança que não tenha incentivo por parte dos familiares em relação à escola, dificilmente vai ter sucesso.

Capítulo II- Descrição do processo da prática de Ensino Supervisionada

2. Descrição do processo da Prática de Ensino Supervisionada

Este segundo capítulo incide na descrição do processo de ensino e aprendizagem. Como tal, começo por salientar o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação Pré-Escolar e Ensino Básico. Segundo o Decreto-Lei 43/2007 de 22 de fevereiro, surge a partir deste um novo sistema de ensino, em que a abrangência de níveis e de ciclos de ensino, promove uma maior mobilidade dos docentes entre os ciclos.

Através do processo de Bolonha, a habilitação para a docência é alcançada com este mestrado, pretendendo uma maior qualificação e valorização na habilitação profissional para a docência. A formação generalista do futuro docente, é um dos aspetos assinados pelo referido Decreto-Lei: *o alargamento dos domínios de habilitação do docente generalista que passam a incluir a habilitação conjunta para a Educação Pré-Escolar e para o 1º Ciclo do Ensino Básico.*

No mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, todos os alunos que pretendam adquirir o grau de mestre, terão de realizar a Prática de Ensino Supervisionada (PES), que visa a integração do estudante estagiário no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, desenvolvendo as competências profissionais que promovam no futuro docente um empenho crítico e reflexivo, tornando-o capaz de responder aos desafios da profissão. Como reitera Santos (1977) o estágio pode ser considerado como uma oportunidade de aprendizagem da profissão docente e da construção da identidade profissional.

A prática de ensino supervisionada é uma etapa fundamental no percurso académico e profissional do futuro docente, uma vez que constitui um momento privilegiado, e insubstituível de aprendizagem da mobilização de conhecimentos, capacidades, competências e atitudes adquiridas nas outras áreas, na produção em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade.

É através desta prática que o aluno estagiário consegue transpor a teoria apreendida ao longo da formação para a prática, uma vez que a teoria sustenta a prática. Antes de iniciar a prática é fundamental que o estagiário seja capaz de observar todo o ambiente de aprendizagem juntamente com os diferentes comportamentos e necessidades de cada aluno. Como salienta Valadares (1998, p.33) *observar os alunos permite conhecer melhor a especificidade de cada um, descobrindo os seus interesses e as fragilidades, passando a acompanhar o seu desenvolvimento.*

Numa primeira instância, nesta prática, observei o grupo de crianças/turma e efetuei o registo dos aspetos mais relevantes. Como o período de observação não é muito alargado o que era registado, essencialmente, eram as rotinas e os comportamentos dos educandos, não deixando de verificar as estratégias da educadora/professora cooperante.

Tanto ao nível do Pré-Escolar como do ensino do 1º Ciclo cada criança era observada individualmente para que fossem registadas as principais dificuldades e as principais apetências para que posteriormente a planificação fosse de encontro a esses aspetos. Como preconiza Pacheco (2011, p. 21), a observação está intimamente ligada à planificação, pois *para planificar é necessário perceber todo o contexto de forma a preparar uma nova acção pedagógica de acordo com esta realidade.*

Relativamente à planificação, como já foi referido anteriormente, sabe-se que o método da observação facilita este processo uma vez que *envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesse nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo* (Arends, 2008, p. 92). Assim, foram procuradas atividades diversificadas e dinâmicas adaptadas ao grupo/turma com o qual trabalhei neste período, de modo a que as crianças tivessem um grande envolvimento nas atividades. Para que as metodologias sejam adequadas é necessário que o educador/professor recorra a materiais diversificados adequados à proposta e às idades das crianças. *As crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação* (O.C.P., 2006, p. 168).

Assim sendo, tanto ao nível do Pré-Escolar como do 1º CEB, foram sempre que possível utilizados diversos materiais para que a criança/aluno pudesse manipulá-los para interiorizar de forma mais profícua e eficaz os conteúdos apresentados.

A planificação constitui a base da prática docente uma vez que *conduz a situações educativas que se caracterizam por um encadeamento harmonioso de ideias, actividades e interações* (Arends, 2008, p. 64). Esta deve ter um carácter flexível de modo a ser adaptável pois existem diversas situações em que o que está planificado não é realizado e outras em que se realizam atividades que não estavam planificadas. Sendo assim, deve ser orientada de modo a dar resposta a situações que possam surgir na prática diária. A etapa posterior à planificação é a intervenção em que se concretizam na ação as intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças.

De seguida farei uma breve reflexão relativamente às experiências de aprendizagem realizadas ao nível do Pré-Escolar e do 1º CEB. Esta reflexão tem como finalidade dar a conhecer o trabalho realizado no decorrer da prática de ensino supervisionada. Em anexo apresentarei, com detalhe, algumas planificações, atividades e regências realizadas.

A realização da PES subdivide-se em PES I e PES II, correspondendo a primeira à educação Pré-Escolar e subsequentemente a segunda ao ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Para que tal possa decorrer em conformidade é necessário o apoio dos jardins-de-infância e das escolas do 1º CEB, sendo também fundamental o apoio dos professores cooperantes e dos supervisores de toda a instituição superior.

As práticas pedagógicas aqui mencionadas foram realizadas na instituição Póvoa do Mileu (Ensino Pré-Escolar) e na Escola EB1 Augusto Gil, ambas na cidade da Guarda, com supervisão da Educadora Teresa Galinho e da Professora Olívia Cunha.

A PES I decorreu no período de 04 de março de 2013 até 12 de junho de 2013, enquanto que, a PES II se iniciou no dia 7 de outubro de 2013 e teve fim a 29 de fevereiro de 2014. As atividades/regências em ambos os ciclos, realizaram-se três vezes por semana, tendo uma duração de cinco horas diárias.

O estágio supervisionado é fundamental, uma vez que fortalece a relação existente entre a teoria e a prática, na medida em que o desenvolvimento de competências profissionais consiste em empregar os conhecimentos adquiridos anteriormente.

A Prática de Ensino Supervisionada é, assim, uma forma de expor os nossos saberes, de detetar erros, falhas e definir quais as melhores estratégias a adotar. A PES constitui um importante instrumento de conhecimento, experiência e integração na realidade social e no trabalho.

A Prática de Ensino Supervisionada tem como objetivo primordial fazer a integração dos alunos estagiários no processo de ensino aprendizagem. Deste modo é possível ter a perceção de como se trabalha numa sala de Jardim de Infância e numa sala de 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo ambas muito distintas.

A vivência da Prática de Ensino Supervisionada é de grande relevância para o futuro docente, no contexto de não presenciar somente o comportamento dos profissionais de ensino, mas também observar os pontos fracos que nós, como futuros educadores/professores, devemos melhorar. Com as atividades que levamos para a sala de atividades é possível verificar os aspetos positivos e negativos. É fundamental sustentar a teoria com a prática e nos dois estágios foi possível concretizar esse feito.

Concluo que para conseguir um bom processo de ensino-aprendizagem é importante saber conhecer as crianças, estabelecendo uma boa relação pedagógica, como preconiza Mialaret (1975) ao afirmar: *começai por conhecer os vossos alunos pois de certeza que não os conheceis.*

2.1- Prática de Ensino Supervisionada no Pré-Escolar

O estágio ao nível do Ensino Pré-Escolar desenvolveu-se com um grupo heterogéneo cujas idades estavam compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

As duas primeiras semanas de estágio foram dedicadas à observação do grupo de modo a que fosse possível recolher essencialmente o funcionamento da rotina na sala de atividades, bem como os principais interesses e dificuldades de cada uma das crianças. Esta observação teve como objetivo primordial proporcionar o contacto com práticas de ensino de colegas mais experientes para que nos fosse possível verificar os métodos mais profícuos a adotar.

No decorrer desta prática foram elaboradas planificações diárias que fossem de encontro a todas as áreas de conteúdo, fomentando sempre que possível a interdisciplinaridade. Como reitera Arends (2008, p.59) *estes planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e atividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação*. É um método através do qual o educador organiza as atividades e define o que pretende com a execução das mesmas.

As atividades propostas ao longo da prática profissional tiveram como fundamento a obtenção de práticas dinâmicas, diversificadas e ativas de modo a que as crianças fossem sempre agentes ativos na sua própria aprendizagem. Segundo Dewey (2002, p.142) *as crianças aprendem de forma mais significativa quando as ações partem dos seus interesses*. O incentivo primordial nas atividades desenvolvidas era a motivação de cada criança. O grupo apresenta ritmos de aprendizagem distintos devido à discrepância de idades e mesmo em crianças com a mesma idade o nível de rentabilidade é distinto. Cabe ao educador acompanhar o grupo individualmente, fazendo com que nenhuma criança se sinta inibida por não alcançar os objetivos propostos com uma rapidez tão elevada como alguns colegas. *Cada criança tem o direito de ser apoiada como pessoa diferente e única* (Estanqueiro, 2010, p. 13).

Como já foi referido anteriormente, ao longo de toda a prática de ensino supervisionada, foram exploradas as diferentes áreas contidas nas orientações curriculares para a educação pré-escolar nomeadamente, o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o domínio da Matemática, a área do Conhecimento do Mundo, o domínio das Expressões que engloba a Expressão e Educação Dramática, Plástica, Físico Motora e Musical e ainda a área da Formação Pessoal e Social.

Refletindo sobre cada uma das áreas, ao nível da Linguagem Oral, desenvolvi atividades em que fossem promovidos momentos de diálogo ao longo do dia. Durante a rotina diária, no

espaço da reunião, em grande grupo, dialogava-se sobre as atividades que iam ser desenvolvidas, respeitando sempre as propostas de cada criança. Nas explorações de histórias lidas era feito um diálogo antes e após a leitura do livro. A análise da capa da obra, fazia antever o conteúdo a abordar, e nesse momento era dada a oportunidade a todas as crianças de participarem e transmitirem a sua opinião, como referem as OCEPE (2007, p.67), *importa ter cuidado, sobretudo nas situações de grande grupo, com as crianças que têm mais dificuldade em se exprimir ou que nada têm a dizer sobre um determinado assunto*. Na exploração oral da história lida, todas as crianças tinham de intervir quer ao nível das personagens, da temática e da problemática do que fora lido.

No que concerne à Linguagem Escrita, ainda na exploração de livros de histórias, constatou-se que as crianças faziam o registo daquilo que tinham interiorizado, através do desenho. *O desenho de um objecto pode substituir uma palavra* (OCEPE, 2007, p. 69).

As crianças de 4 e 5 anos mantinham contacto direto com o código escrito uma vez que escreviam o próprio nome quer na rotina diária na marcação das presenças, quer nos trabalhos realizados. Numa das atividades propostas na exploração do livro “Eu sou um peixe e nasci no mar” as crianças de 5 anos foram capazes de copiar o título do livro para uma folha de papel, desenvolvendo assim o código escrito. *As crianças que desde cedo estão envolvidas na utilização da linguagem escrita, e que veem outras a ler e a escrever, vão desenvolvendo a sua perspectiva sobre o que é a leitura e a escrita e simultaneamente vão desenvolvendo capacidades e vontade para participarem em acontecimentos de leitura e escrita*. (Mata, 2008, p. 14).

Relativamente ao domínio da Matemática, as atividades realizadas tinham como objetivo primordial desenvolver a noção de número e quantidade, a formação de conjuntos, medições e as formas geométricas.

No momento da rotina diária, as crianças tinham contacto com este domínio em diversas situações, nomeadamente na marcação das presenças numa tabela de dupla entrada em que numa fase posterior eram contadas as crianças que estavam presentes e ausentes, contribuindo assim para o desenvolvimento de conceitos matemáticos implicando a contagem. *As atividades inerentes à organização do grupo como, saber quem está e quem falta ou preencher um quadro de presenças relacionam-se com a matemática* (OCEPE, 2007, p. 75).

Ainda em grande grupo, na rotina diária, organizávamos a data do próprio dia com cartões em que eram destinadas cores diferentes para o dia, o mês e o ano. Cada dia era selecionado um voluntário para organizar a data de forma correta, esta estratégia promovia o desenvolvimento do

raciocínio lógico e a tomada de consciência do desenrolar do tempo, bem como a capacidade de seriar e ordenar.

Através da área do Conhecimento do Mundo, as crianças mantiveram contacto com diversas situações do meio natural e do quotidiano. Como a temática do projeto curricular de turma estava ligada à água foram exploradas diariamente atividades que englobavam este assunto.

Posso salientar a realização de experiências sobre a forma e a fluidez da água, os estados da água na natureza e a germinação do feijão. As orientações curriculares para a educação pré-escolar salientam a importância desta área como um meio de sensibilização para as ciências, que esclarecem a criança sobre diferentes domínios do conhecimento humano. Nesta sequência, as oportunidades que as crianças têm de interagir com o meio próximo, são facilitadoras de aprendizagens. Sá (2007, p.43) defende que *se as ciências experimentais, utilizadas corretamente em sala de aula, com intenção e objetivo, podem tornar-se um grande parceiro do professor, auxiliando no ensino e contribuindo para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa, mesmo porque ele exerce um papel importante na aprendizagem*

Para todas as atividades com teor científico era feito o levantamento das concepções prévias para que assim fosse possível verificar aquilo que elas conheciam e sabiam inaptamente. Após ser realizada a experiência eram feitas as mesmas questões pré-experimentais para serem verificados os conteúdos adquiridos e se a atividade tinha sido bem sucedida. O registo era feito em forma de tabela para ser distinguido o que sabiam com aquilo que ficaram a saber. Santos (1983) salienta que o educador não deve tomar uma atitude meramente expositiva, uma atitude académica, mas sim uma atitude experimental. Esta atitude experimental científica é caracterizada pelo propósito de levar a criança a aprender por meio de observações, discussões e experimentações, cujos resultados são interpretados e comparados. As conclusões ou os conceitos formados devem ser aplicados ou ter uma aplicação evidenciada em situações do quotidiano.

Relativamente às atividades inerentes ao domínio das expressões, mais propriamente ao domínio da expressão musical, nas atividades em que a finalidade era a aprendizagem da letra de uma canção, optei por explorar o lúdico através da coreografia inerente à canção, permitindo assim uma aprendizagem rápida e eficaz através da exploração do próprio corpo. Esta estratégia permitiu a interligação com outras áreas do saber nomeadamente a área da expressão físico motora. *A aprendizagem é como um processo de descoberta no qual há uma transferência lateral de princípios e processos gerais de disciplina para disciplina* (Bruner, 1960, citado por Sprinthal Sprinthal, 1997).

No que concerne às atividades relacionadas com o domínio da expressão plástica, as crianças tiveram oportunidade de desenvolver diversas técnicas com materiais diversificados. Em idade pré-escolar esta área serve como um culminar de todas as outras, uma vez que os registos de todas as atividades são feitos com base no desenho, na pintura, no recorte, na colagem, na rasgagem, na picotagem, considerando que são representações gráficas, quer através da imaginação ou da experimentação sensorial. Como preconizam as orientações curriculares deve-se valorizar o processo de exploração e descoberta de diferentes possibilidades e materiais, supõe que o educador estimule construtivamente o desejo de aperfeiçoar e fazer melhor. (O.C.E.P.E., 2007, p. 61).

Em relação à expressão motora, foram exploradas atividades em que com o desenvolvimento motor, a criança fosse aprendendo a conhecer e a dominar o seu corpo. Diariamente eram proporcionadas atividades motoras relacionadas com os conteúdos das outras áreas do saber. Posso salientar uma atividade motora relacionada com a área do conhecimento do mundo que consistia em corrida de grupos. Pretendia-se que as crianças fossem capazes de distinguir os animais que vivem em ambiente de água doce e os de água salgada. De uma forma lúdica todas as crianças chegaram ao nível pretendido. Promoveu-se a competitividade dos grupos. *Os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem.* (OCEPE, 2007, p. 59).

Relativamente à área da expressão dramática, proporcionaram-se ocasiões que permitiram às crianças desempenharem diferentes papéis, desenvolvendo a imaginação e a linguagem verbal. Utilizei fantoches para que a criança através desse objeto indutor, tivesse maior facilidade de expressão e comunicação. *Os objetivos da expressão dramática consistem em desenvolver nas crianças as capacidades de criatividade, personalidade, emocionais e sociais, de composição e de expressão oral e física. Todos estes objetivos estão ligados entre si, aumentando a relação das crianças consigo própria e com os outros* (Malik, 2003, p. 86).

No que concerne à área de formação pessoal e social esta é transversal e integradora, fomentando a autonomia e a responsabilização da criança para consigo própria e para com o grupo. Esta área promove a aquisição de valores para as crianças se tornarem cidadãos solidários e críticos, capazes de resolver problemas da vida. *Ao possibilitar a interação com diferentes valores e prespectivas, a educação pré-escolar constitui um contexto favorável para que a criança vá aprendendo a tomar consciência de si e do outro.* (OCEPE, 2007, p. 52).

Em todas as atividades propostas tentei criar um ambiente favorável, o indispensável ao bom funcionamento do grupo, promovendo o espírito crítico. Ao longo de todo o processo pedagógico as crianças tiveram o auxílio necessário para a obtenção dos conteúdos. No final de cada dia era feita uma síntese em grande grupo para se constatar quais as dúvidas que tinham ficado pendentes e quais os conteúdos que foram adquiridos na totalidade.

2.2- Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

A prática de ensino supervisionada neste ciclo de estudos foi realizada na Escola Básica Augusto Gil numa turma de 4º ano. Este estágio decorreu no período de 7 de outubro de 2013 até 29 de fevereiro de 2014 com a supervisão da docente Doutora Urbana Bolota e tendo como professora cooperante Olívia Cunha.

O 1º ciclo do ensino básico tem objetivos específicos nomeadamente o *desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constituindo uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem activas, significativas, diversificadas, integradoras e socializadoras que garantam, efectivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno.* (O.C.P., 2004, p. 23).

Para que os objetivos sejam alcançados é necessário refletir previamente em relação à turma em questão, focando as principais dificuldades e os principais interesses dos alunos. A planificação das atividades a desenvolver tem de ir de encontro a estas necessidades não deixando de verificar sempre os conteúdos programáticos e os objetivos deste nível de ensino.

Tal como aconteceu no Pré-escolar, a primeira semana da PES destinou-se à observação da turma para verificar a realidade do espaço escolar, verificando as estratégias e os métodos mais profícuos a adotar perante as diferentes características dos alunos.

Nas semanas seguintes procedi às regências, tendo como base as planificações feitas diariamente em forma de grelha, contendo a área a explorar, os objetivos das atividades propostas e os respetivos conteúdos programáticos, não esquecendo de mencionar os recursos materiais e humanos necessários para a realização da aula e ainda, a avaliação das atividades.

As técnicas utilizadas foram sempre que possível dinâmicas e motivadoras, recorrendo a diversos materiais e não apenas ao manual escolar, proporcionando um ambiente diferente daquele que os alunos estavam habituados.

A pedagogia utilizada foi diretiva e relacional mas não esquecendo que *o mais importante não é aprender os conteúdos, importa que o aluno aprenda a aprender.* (Cabanas, 2002, p. 232). Ou seja, tentei sempre adotar uma estratégia em que os alunos aprendessem a ser capazes de adquirir os conteúdos e de os empregar em diversos contextos.

Em todos os momentos de aprendizagem era feita uma motivação inicial com situações do quotidiano, para que os alunos verificassem que no dia-a-dia estão presentes os conteúdos lecionados na sala de aula. É importante relacionar as aprendizagens com as vivências realizadas pelos alunos, *isto pressupõe que a cultura de origem de cada aluno é determinante para que os conteúdos programáticos possam gerar novas significações.* (O.C.P., 2006, p. 23).

Entre cada uma das áreas curriculares proporcionavam-se sempre momentos de interdisciplinaridade uma vez que as áreas não são isoladas, interligam-se umas com as outras. Para Piaget (citado por Pombo, 1994, p. 27) a interdisciplinaridade *trata-se de um intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...tendo) como resultado um enriquecimento recíproco.* O facto das pedagogias utilizadas serem diversificadas fomentou o progresso dos alunos.

No que concerne ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvido ao nível da área da língua portuguesa foram desenvolvidas atividades com vista ao aperfeiçoamento da língua materna, uma vez que o programa do 1º CEB (2006, p. 135) salienta que *se reconhece a língua materna como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e a compreensão do mundo que nos rodeia.* Foram exploradas diferentes tipologias textuais.

Antes da leitura dos textos era sempre feita uma análise oral, partindo da ilustração do texto, permitindo uma troca de ideias entre os alunos relativamente à temática do texto. A leitura, numa primeira instância, era feita de forma parcelar, analisando parágrafo a parágrafo e posteriormente era feita a leitura global de modo a que fosse interiorizado o teor do texto explorado. Posso salientar que após ser feita a análise conjunta das obras, os alunos não apresentavam dificuldades ao nível das perguntas de interpretação, *visando uma melhor compreensão do texto e ainda aperfeiçoar a capacidade de leitura fluente e expressiva.* (Reis, 2009, p. 52).

Ao nível da área da matemática tentei sempre partir de situações reais e concretas para que os alunos interiorizassem mais facilmente as noções matemáticas. Na exploração do conteúdo relativo aos sólidos geométricos, numa fase inicial parti da classificação de materiais não

estruturados existentes a sala de aula, comparando-os com materiais estruturados, as figuras reais. Os alunos foram capazes de fazer as comparações pretendidas, identificando os diferentes sólidos geométricos. Segundo o programa do 1º CEB (2006, p. 180), *a manipulação e exploração de objectos, a observação que gradualmente se torna mais pormenorizada, permitirão muitas descobertas e desenvolverão as capacidades de relacionar, classificar e transformar*. A utilização de materiais manipuláveis no ensino da matemática desenvolveram a agilidade de raciocínio, estruturando os conceitos explorados.

Foram promovidos diariamente, exercícios que fomentassem o cálculo mental para que os alunos fossem progredindo, desenvolvendo a capacidade cognitiva. Ao desenvolver o cálculo mental, a criança fica mais capacitada para os problemas do quotidiano, conseguindo dar uma resposta rápida a qualquer problemática.

No que concerne à área do estudo do meio, o programa do 1º CEB (2006, p. 101) salienta que, *é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade*.

Os conteúdos referentes a esta área foram desenvolvidos através do confronto de ideias e do diálogo com base no manual. As ideias dos alunos eram o ponto fundamental para serem explorados os conteúdos e posteriormente as ideias eram confrontadas com a realidade exposta no manual. Para consolidar a matéria dada, eram realizadas as atividades do manual e materiais contruídos com todos os elementos da turma, nomeadamente o mapa de Portugal em que os alunos assinalaram os principais rios.

Ainda no decorrer das aulas de estudo do meio, foram realizadas experiencias para explicitar a teoria. Mialaret (1954) reitera que *a pedagogia experimental é uma atitude científica do espírito que diante os factos pedagógicos nos permitem passar do plano do empirismo para o da experimentação*. As atividades experimentais proporcionam ao aluno a construção do conhecimento de uma maneira ativa e criativa e desenvolvem as próprias estruturas lógicas do conhecimento. Esta estratégia assenta na *manipulação de objetos concretos, equipamentos e instrumentos variados ou amostras com o objetivo de coligir dados que permitam dar resposta a uma questão ou situação-problema de partida*. (Vieira e Vieira, 2005, p. 34).

Em relação às expressões, por serem áreas contempladas nas atividades extracurriculares, não foram fortemente desenvolvidas em sala de aula. No que diz respeito à expressão físico

motora, em relação à motricidade global, não foi possível verificar em que nível de desenvolvimento se encontravam os alunos. Ao nível da motricidade fina a turma em geral não apresentava qualquer tipo de dificuldade quer ao nível do recorte como da colagem, bem como na utilização do compasso.

Ao nível da expressão musical, os alunos prepararam uma canção para apresentarem na festa de Natal. Através da vertente musical envolveu-se a componente da leitura e interpretação da letra da canção. Como salienta o programa do 1º CEB (2004, p. 72) *as atividades musicais a desenvolver devem atender à necessidade de a criança participar em projectos que façam apelo às suas capacidades expressivas e criativas.*

De um modo geral, tentei criar aprendizagens em que os educandos de forma orientada fossem capazes de estruturar os seus próprios conhecimentos, desenvolvendo níveis de confiança e de autonomia superiores. Tentei formar alunos com competências metacognitivas ou seja, *um aluno que sabe: aquilo que sabe, o que precisa de saber, como deve agir para aprender.* (Salema, 1997).

Capítulo III- A Educação Ambiental na formação da Cidadania

3- Introdução

O presente tema, “ A educação ambiental na formação da cidadania”, surge através do interesse pessoal e profissional em contribuir para a formação de crianças conscientes em relação ao meio ambiente em que se encontram. *Não devemos afirmar que a Educação Ambiental seja a chave do sistema formativo; deve, sim, ser um dos seus pilares essenciais e aglutinadores cujo papel dependerá do modo como se integrar com os demais elementos, numa consciente utilização do quadro em que a sociedade se move e organiza* (Evangelista, 1999, p. 23).

Atualmente, estamos perante problemas e desafios nunca antes conhecidos, experimentando mudanças aceleradas e que têm reflexos em todos os domínios da vida e da atividade humana. O ambiente degrada-se de modo irreversível, as matérias-primas, que existem em quantidades finitas, caminham para o esgotamento. Os custos sociais são cada vez menores e as condições de trabalho cada vez mais duras, que implica uma despreocupação com o meio ambiente.

Esta situação exige de todos, maior e melhor participação, tendo em vista o aparecimento de formas de intervenção mais adequadas, mais eficazes e mais conscientes.

A intervenção para melhorar a atitude dos cidadãos em relação ao meio ambiente deve ser precoce, cabendo, por isso cabe ao educador/professor inculcar nas crianças os valores inerentes a esta temática.

Existe uma forte necessidade de planear atividades que englobem a educação ambiental para criar uma consciência global das relações entre o homem e o ambiente suscetível de gerar formas de comportamento que anulem o perigo advindo dos novos deuses da tecnologia ou até mesmo da “produção pela produção”, sem as envolver num contexto em que a visão humanista seja o objetivo determinante.

É na escola que aprendemos a situarmo-nos no mundo, assumindo-nos como cidadãos do universal, preocupados com o que se passa a nossa volta e mobilizados para as grandes questões da actualidade: a defesa do Planeta e do ambiente. (Sampaio citado por Henriques *et al*, 2000, p. 5).

3.1- A formação da Cidadania na Educação Pré-Escolar

A prática da cidadania, constitui um processo participado, individual e coletivo, que apela à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um e pela sociedade. A cidadania daqueles com quem interagimos e uma tomada de consciência, cuja evolução acompanha as dinâmicas de intervenção e transformação social. *A preparação para o futuro não se faz sem audácia e imaginação, não apenas no campo de conhecimentos e da produção, mas também no campo da sensibilidade e dos valores.* (Vasconcelos, 2007, p. 12).

O sistema educativo tenta promover nas crianças e jovens, o conhecimento, a compreensão, as capacidades, as atitudes e os valores que lhes permitam conhecer os seus direitos, responsabilidades e deveres, para que assim lhes seja possível desenvolver um papel ativo na sociedade onde estão inseridos, emergindo na consciencialização da criança enquanto boa cidadã.

O conceito de Educação Ambiental é difícil de explicar às crianças devido ao seu teor abstrato, podendo apenas ser concretizado na forma como cada um de nós vive verdadeiramente em sociedade. Esta temática deve ser vivenciada pela criança desde que esta começa a ter consciência de tudo o que se passa à sua volta e, quanto mais possibilidades tiver de participar ativamente na sociedade em que se encontra inserida, maiores serão as possibilidades de se tornar um adulto crítico, responsável e solidário.

A Pré-Escola constitui-se num importante contexto de aprendizagem e exercício da cidadania e nela se refletem preocupações transversais à sociedade, que envolvem diferentes dimensões da educação para a cidadania, como por exemplo: educação para os direitos humanos, educação ambiental, educação rodoviária e educação financeira.

Torna-se portanto, importante que desde cedo se eduque a criança para a cidadania, inculcando-lhe e clarificando valores, regras e responsabilidades. Desde os primeiros anos que a cidadania se encontra relacionada com o desenvolvimento pessoal, social e emocional de cada criança. Perante a densidade e complexidade da sociedade em que estamos inseridos, a experiência de vida não basta para formar o bom cidadão, tornando-se por isso necessária uma educação integral, inclusiva e ao longo de toda a vida.

Esta educação para a cidadania, ao longo de toda a vida, baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Segundo Reis (2009, p. 15), um dos objetivos pedagógicos dos educadores e professores é o de *promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democráticas numa perspectiva de educação para a cidadania.*

Nesta vivência centra-se a área da formação pessoal e social, considerada área integradora de todo o processo educativo. *Deverá dotar a criança, de acordo com as fases de desenvolvimento, com a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos.* OCEPE (2007, p.52) Nesta perspetiva cabe ao educador/professor promover na criança atitudes e valores que a ajudem a tornar-se um cidadão consciente e solidário, capacitando-o para a resolução de problemas da vida.

A educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.

Sendo assim, é imprescindível que se desenvolva a educação para a cidadania ao longo do percurso escolar para que sejam formados não só bons alunos mas também alunos conscienciosos.

3.2- A Educação Ambiental na Educação Pré-Escolar

A educação ambiental corresponde a uma educação para a responsabilidade, baseada numa metodologia de análise de situações concretas, de discussão de ideias e de aquisição de conhecimentos. *Uma educação cuja finalidade seja o desenvolvimento de uma população mundial que seja consciente e se sinta afectada pelo ambiente e pelos problemas que lhe estão associados e que possua os conhecimentos, as capacidades práticas, atitudes, motivações e compromissos necessários para trabalhar individual e colectivamente para a solução dos problemas existentes e prevenir outros novos* (Fernandes, 2001, p. 21).

Através da educação, a criança vai assumindo certos comportamentos e interiorizando um determinado quadro de valores. A educação ambiental, especificamente tende a fomentar na criança uma dupla atitude de respeito por si próprio e pelo meio em que vive.

A nível do Ministério da Educação, a situação é, neste momento grave, dada a inexistência de estruturas voltadas para a educação ambiental. É de lamentar o facto de não se vislumbrarem no presente momento quaisquer tentativas de realização de iniciativas no âmbito desta temática.

Segundo Souza (2009) é preciso desenvolver oportunidades de conhecimento do meio natural e também da sociedade para interrelacionar os processos de degradação ambiental. As escolas devem estimular a discussão sobre os problemas ambientais e promover o debate em relação ao que cada um de nós pode fazer para uma melhor relação com o meio e com os nossos semelhantes.

A educação ambiental no Pré-Escolar é muito importante uma vez que as crianças têm a primeira oportunidade de contactar com o sistema de ensino, aprendendo a inserir-se na sociedade e a serem autónomos e solidários nas atitudes perante a sociedade. Segundo as OCEPE (2007, p. 84), *A educação ambiental pode também implicar uma observação e recolha de informação e até uma intervenção na conservação e recuperação do património natural e cultural.*

A educação relativa ao ambiente engloba diferentes objetivos e todos eles com especial relevância, na perspectiva de Fernandes (2001). Em primeiro lugar ajuda as crianças a tomarem consciência do ambiente global e dos problemas anexos. Em segundo lugar ajuda-as a adquirirem valores sociais, os do sentimento de vivo interesse pelo ambiente, uma motivação bastante forte para quererem participar ativamente na sua proteção e no seu melhoramento. Ajuda ainda, as crianças a adquirirem competências necessárias para a solução dos problemas do ambiente. E finalmente, ajuda-as a desenvolverem o seu sentido de responsabilidade e o seu sentimento de

urgência perante os problemas do ambiente, para que garantam a elaboração de medidas próprias para resolver os problemas.

O cumprimento dos objetivos mencionados anteriormente, relacionados com a educação ambiental, tornaria a educação em relação ao ambiente, um processo que se estende sobre a duração da vida, não devendo ficar confinada unicamente aos estabelecimentos escolares mas também na sociedade em geral.

3.3- A Educação Ambiental na Formação da Cidadania

Os problemas que se prendem com a evolução da ciência, da tecnologia e da preservação do meio ambiente, ganham interesse na sociedade. Continua a ser urgente formar cidadãos conscientes e intervenientes nesta problemática, pelo que a sua prática nos jardins de infância se desenha como uma boa forma de o conseguir. Segundo Almeida (2002, p. 18), *o Pré-Escolar, como primeira etapa de um processo educacional formal, constitui uma oportunidade de contacto privilegiado das crianças com o mundo que as rodeia, devendo começar aqui a descoberta do meio envolvente à escola (...) que despertem tanto para a sensualidade do mundo como igualmente para alguns dos seus problemas.*

Para tal, o educador tem de estar preparado quer cientificamente quer metodologicamente. Cada docente deve ser capaz de selecionar as metodologias mais pertinentes em função das crianças que educa, adequando a linguagem por si utilizada. Esta tarefa torna-se difícil, uma vez que a simplificação conceptual pode induzir a uma incorreção científica.

A Educação Ambiental é uma educação para a responsabilidade perante as futuras gerações, não podendo ser dissociada da cidadania. Nesta área educativa, pretende-se que a criança procure o bem nas suas ações e, conseqüentemente, que assegure a sobrevivência da espécie. É na escola que se deve imprimir mudanças tanto a nível pessoal como a nível social, uma vez que o surgimento dos problemas advém dos comportamentos individuais bem como das estruturas e estios de vida na nossa sociedade.

Uma boa educação ao nível da cidadania surge quando conseguimos que as crianças adquiram os conhecimentos e as habilidades suficientes para a convivência em sociedade, de modo a saberem resolver problemas e a compreenderem a complexidade da nossa sociedade. *Educar para a cidadania é, assim, tornar cidadãos aptos a escolher e a participar na vida da cidade, com conhecimento de causa. Aprender a cidadania obriga, deste modo, a olhar o mundo que nos rodeia, com olhos de ver, (...). Educar é despertar. Ser cidadão é estar desperto.* (Martins, citado por Henriques *et al*, 2000, p. 6).

Nas áreas de formação pessoal e social e do conhecimento do mundo, os educadores devem proporcionar oportunidades que permitam às crianças a exploração das suas possibilidades e limitações, bem como, o modo como se envolvem pessoalmente e com os outros, favorecendo a aquisição do espírito crítico e da interiorização de valores.

Os docentes no decorrer da prática pedagógica, devem sempre que possível, transmitir novos padrões de comportamentos e atitudes, sensibilizando os alunos, a partir da escola, para a

contribuição de uma melhor qualidade de vida para eles e para toda a comunidade. *A escola precisa de refletir as suas representações sociais, para, a partir delas, ir construindo novas representações e relações, mais flexíveis, mais contextualizadas, mais construtivas, mais transformadoras e que respondam com mais eficiência às perspectivas socio ambientais, transformando a escola, de facto, num lugar que forma cidadãos capazes de enfrentar os desafios do ambiente.* (Barcelos, 2007, p. 98).

É essencial fomentar nas crianças o facto de se elas próprias cumprirem os seus deveres, o respeito pelos seus direitos será facilmente obtido. Caso contrário, se negligenciarem os seus deveres, quando reivindicarem os seus direitos, eles escapar-lhe-ão.

3.4- Descrição geral da Proposta Pedagógica

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada não me foi possível desenvolver a experiência pedagógica em relação à Educação Ambiental que pretendia.

Uma boa forma de haver uma junção entre a Educação Ambiental e a Cidadania era criar no ambiente escolar uma Horta Biológica. Assim, proponho uma atividade para criar uma alternativa para a falta de implementação de educação ambiental nos jardins de infância. Para isso tentei arranjar uma estratégia de fácil construção para que as crianças consigam construir nas escolas juntamente com a educadora e posteriormente em casa com os pais. *A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas* (OCEPE, 1997, p. 43).

A existência numa escola de uma horta criada e gerida segundo princípios interdisciplinares é de um alcance educativo de tal ordem que nos fica uma sensação de tristeza por ela não ser uma realidade muito frequente no nosso universo escolar.

Segundo Leite *et al* (1989), salientam-se alguns aspetos significativos da introdução desta metodologia:

- A transmissão de conhecimentos, na aprendizagem, dá lugar à construção pessoal do saber, de uma forma dinâmica, interativa, dando às crianças mais autonomia, mais responsabilidade, permitindo-lhes encontrar o seu próprio caminho no labirinto do saber;
- as crianças não são só seres ativos na sua formação mas o saber vai responder às necessidades profundas que advém de respostas, ou vias de respostas, aos problemas formulados e definidos pelos próprios grupos;
- a teoria e a prática, o sensível e o intelectual, são desenvolvidos de forma integral;
- estimulam-se atitudes investigativas como observar, questionar, refletir sobre os dados colhidos (...) criam-se hábitos de trabalho, aprende-se a planificar, a gerir o tempo e os imprevistos, entre outros;
- aprende-se a ser imaginativo, solidário, implicado, a ter opiniões, a criticar, a ser atento ao mundo que o rodeia;

- na relação Jardim de Infância/ Comunidade a exterioridade recíproca cede à interação. O trabalho de campo inerente a esta metodologia alarga o espaço educativo e como tal abrem-se novos horizontes.
- trabalhar em projeto é dar ao educador um estatuto diferente na relação educativa, é exigir-lhe um visão mais sistemática do conhecimento, uma papel mais democrático nas suas relações com o saber e o poder.

Para realizar uma proposta de atividade prática é necessário ter em conta os conceitos desconhecidos para as crianças, os objetivos pretendidos com a atividade e ainda a metodologia utilizada. Na tabela seguinte apresentarei alguns aspetos a ter em consideração para a elaboração do projeto.

Tabela 3- Planificação do projeto

<i>Título</i>	<i>Horta Biológica</i>
<i>Objetivos</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o desejo de saber e de conhecer o Mundo. -Promover o contato com novas situações de exploração do Mundo. - Fomentar o interesse em preservar o meio ambiente. - Possibilitar a interação com diferentes valores e perspectivas
<i>Metodologia</i>	<p>Para realizar esta proposta pretende-se que numa fase inicial as crianças fiquem a conhecer a importância destas hortas para o meio ambiente, com uma exploração oral em relação à temática.</p>

	<p>Posteriormente, apresento os materiais necessários para a construção da horta escolar.</p> <p>Numa fase seguinte defino as tarefas de cada criança e em grande grupo damos início à sementeira.</p> <p>A atividade é desenvolvida semanalmente com o registo da evolução dos alimentos e com a rega dos mesmos. Pretendo que todas as crianças colaborem na atividade e que as tarefas sejam distribuídas.</p>
<i>Calendarização</i>	<p>A atividade deve ter início a 21 de março para marcar a chegada da primavera e desenvolver-se semanalmente.</p>
<i>Avaliação</i>	<p>A aprendizagem das crianças será feita através da observação direta e dos registos feitos pelas mesmas através de desenhos ou imagens fotográficas.</p>

Público-alvo: Grupo de Pré-Escolar com idades entre os 3 e os 5 anos.

Fonte: Própria

Com base na tabela podemos verificar que, numa fase inicial forneceria às crianças informações relativamente à agricultura biológica e aos efeitos na saúde dos alimentos cultivados organicamente. Posteriormente, estabeleceria as fases da construção da horta, desde o cultivo da terra até ao tratamento da mesma após o cultivo.

Numa fase seguinte teria em consideração aspetos como, o tratar a terra, a sementeira ou plantação, os cuidados regulares de rega e de limpeza de infestantes. As tarefas seriam repartidas por todas as crianças.

No decorrer do processo far-se-ia o registo atento e detalhado de tudo o que ia acontecendo na horta através de um diário de desenhos de evolução e de fotografias. O registo englobaria os pormenores dos dias de rega, os dias de sementeira e de colheita.

Em relação aos produtos colhidos pretendia que tivessem um consumo próprio em contexto da sala de atividades.

Durante este riquíssimo processo, desde que se começou a semear, passando pelo tratar e pelo colher, até ao momento da reflexão, iria estar presente um vasto leque de matérias curriculares. As crianças adquirem e integram aprendizagens e valores com condições para permanecerem na vida futura em conformidade com o ambiente.

Antes de ser implementada uma atividade nos jardins de infância o educador deve certificar-se que essa proposta tem possibilidade de ter sucesso, para tal deve experimentar previamente. Nesta sequência, apresento uma possibilidade para a construção da horta escolar que é passível de funcionar proficuamente no espaço exterior das salas de atividades.



Figura 9 – Horta Biológica Vertical após plantação



Figura 10 – Horta Biológica após 4 semanas de sementeira



Figura 11 – Morangueiros plantados em tubos de pvc



Figura 12 – Horta vertical em tubos de pvc

Com esta proposta de atividade, pretendo que os jardins de infância e os seus espaços exteriores sejam olhados numa perspetiva educativa plurifacetada, tendo como motivação o estudo do meio envolvente natural. Como preconiza Palma (2006, p. 95) *Os recintos exteriores das escolas são, na maioria negligenciados em termos de interesse pedagógico. Isso é um desperdício educativo, já que se põem de lado locais riquíssimos em potenciais ensinamentos (...). Acreditamos que neles possam acontecer agradáveis experiências e valiosas aprendizagens.*

Mesmo que nos recintos escolares não exista diversidade biológica, nós futuros docentes, podemos a qualquer momento iniciar um processo de enriquecimento paisagístico uma vez que tanto se pode aprender com o que já existe como com aquilo que ajudamos a nascer e a crescer.

Em suma, posso salientar que com esta proposta pretendo formar crianças autónomas e solidárias nas atitudes perante a sociedade. É fundamental ajudá-las a adquirirem valores sociais, participando ativamente na proteção e melhoramento do meio ambiente. E ainda, é fundamental que nas instituições haja a interação da família com a escola que é promovida nesta atividade.

Considerações Finais

A estrutura deste relatório obedeceu à estrutura preconizada institucionalmente pela Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, encontrando-se assim organizado em três capítulos, tal como puderam verificar.

No capítulo I inseriram-se as caracterizações relativas ao meio que nos envolve, às instituições onde decorreram as PES e ainda a caracterização do grupo do Pré-Escolar e a turma do 1º Ciclo do Ensino Básico.

O capítulo II teve a si inerente a reflexão relativa a todo o processo da prática de ensino supervisionada. Esta prática é o processo pela qual um professor mais experiente orienta outro professorou candidato a professor, no seu desenvolvimento humano e profissional. Esta troca de aprendizagens, permite-nos, a nós professores estagiários, uma prática interativa, colaborativa e reflexiva, de modo a melhorarmos as nossas estratégias e metodologias de forma a alcançar o sucesso.

A prática pedagógica proporciona aos *estagiários a integração das aprendizagens feitas nas diferentes componentes curriculares do curso, bem como dar-lhe a oportunidade de aprender a transformar os saberes disciplinares em saberes profissionais.* (Teixeira e Ludovica, 2007, p. 58). Ao longo deste percurso foi-me possível verificar que, em todos os momentos, a teoria sustenta a prática.

O capítulo III visou promover um processo de consciencialização ambiental, de promoção de valores, de mudança de atitudes e de comportamentos face ao ambiente, de forma a preparar as crianças para o exercício de uma cidadania consciente, dinâmica e informada face às problemáticas ambientais atuais.

Neste contexto, tentei demonstrar a importância da criança adquirir conhecimento para interpretar e avaliar a realidade envolvente, para formular e debater argumentos, para sustentar posições e opções, capacidades fundamentais para a participação ativa na tomada de decisões fulcrais no mundo atual.

A escola deve ser promotora de atividades de educação cívica, envolvendo a comunidade educativa, fomentando a responsabilidade e o desenvolvimento de sentimentos de generosidade, solidariedade e cidadania, promovendo a aquisição de valores Santos (1977, p.14). A educação ambiental, a nível dos primeiros anos do ensino básico, desempenha um papel significativo na

formação dos alunos, não só em termos de conservação do ambiente como também nas questões sociais, permitindo novas formas de vivência social.

Com a atividade proposta para a educação Pré-Escolar pretendo que, numa oportunidade futura, ao implementar este projeto, consiga formar cidadão ativos que saibam identificar os problemas e participar efetivamente na sua resolução e prevenção.

Bibliografia

- Alarcão, I. & Tavares, J. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedinha.
- Almeida, A. (2002). *Abordar o ambiente na infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ausubel, D.P. (2006). *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: uma perspetiva cognitiva* (1ª ed). Lisboa: Plátano.
- Arendes, R. (2008). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Ausubel, D. P. (2000). *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: uma perspetiva cognitiva*. 1ª edição. Lisboa: Plátano.
- Balancho, Mª. J. & Coelho, Mª F. (1996). *Motivar os alunos*. Lisboa: Texto Editora.
- Barbosa, L. (1995). *Trabalho e dinâmica dos pequenos grupos: ideias para professores e formadores*. Porto: Edições Afrontamento.
- Barbeiro, L.F. (1999). *Os Alunos e a Expressão Escrita - Consciência Metalinguística e Expressão Escrita*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barcelos, V. (2007). *Octávio Paz- Da Ecologia à Educação Ambiental na Escola*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro
- Belchior, M. (1993). *As Novas Tecnologias de Informação no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação – Gabinete de Estudos e Planeamento.
- Biaggio, A.M.B. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento*. Brasil: Editora Vozes.
- Brickman, N. A. & Taylor, L. S. (1991). *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cabanas, J. (2002). *Teoria da Educação- Concepção Antinómica da Educação*. Porto: Edições ASA.

- Carapeto, C. (1998). *Educação Ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Dewey, J. (1952). *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Dewey, J. (2002). *A escola e a Sociedade- A Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio de Água Editores.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na Educação- O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Evangelista, J. (1999). *Educação ambiental. Uma via de leitura e compreensão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Fernandes, J. (2001). *Manual de Educação Ambiental*. Lisboa: Secretaria de Estado do ambiente.
- Ferreira, C. (2007). *A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, M. (2009). *A Educação Ambiental no contexto do desenvolvimento curricular*.
Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação- Universidade de Lisboa.
- Figueiredo, M. (2010). *A Relação Escola-Família no Pré-Escolar: Contributos para uma compreensão*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Formosinho, J. (2002). *A Supervisão na Formação de professores- Da sala à escola*. Porto: Porto Editora.
- Gama, A. (2004). *A qualidade da vinculação nas crianças institucionalizadas*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia aplicada.
- Gomes (2001). *Memórias da Guarda*. Guarda: Pinharanda.
- Gonçalves, V. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Bragança: Escola Superior de Educação. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar.
- Henriques, M. et al (2000). *Educação para a Cidadania*. Lisboa: Plátano Editora.
- Henriques, M. et al (2006). *Educação para a Cidadania- Saber e inovar*. Lisboa: Plátano Editora.
- Kamii, C. (1900). *A teoria de Piaget e a Educação Pré- Escola*. Lisboa: Instituto de Piaget.

Leite, E., Malpique, M. & Santos, M. R. (1989). *Trabalho de Projecto – 1. Aprender por projectos centrados em problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

Lemos (1992). *A Nova Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Magalhães, G. M. (2007). *Modelo de colaboração Jardim-de-Infância/Família*. Lisboa: Instituto Piaget.

Maigre, A. (1994). *A Língua Escrita no Jardim de Infância*. Lisboa: Dinalivro.

Malik, L. A. (2003). *Será a escola facilitadora de aprendizagens?*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Marques, R. (1988). *A Prática Pedagógica no Jardim-de-Infância*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.

Marques, R. (2001). *Valores éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Presença.

Martins, M. A., e Niza, I. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita- Textos de apoio para educadores de Infância*. Ministério da Educação: DGIDC.

Mialaret, G. (1954). *Nova Pedagogia Científica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Mialaret, G. (1975). *A aprendizagem da Matemática*. Coimbra: Livraria Almedina.

Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico 1º ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Monteiro, I. (2009). *A Educação Ambiental no 1º Ciclo do Ensino Básico- Estudo realizado nas Escolas da freguesia de Águas Santas do Concelho da Maia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto- Departamento de Sociologia.

Montessori, M. (s/d). *A descoberta da criança*. Lisboa: Internacional Portugália Editora.

Oliveira, L. (1998). *Educação Ambiental- Guia Prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. Lisboa: Texto Editora.

Pacheco, F. (2011). *A Expressão e a Educação Físico-Motora como instrumento didáctico-pedagógico no desenvolvimento de aprendizagens significativas no Pré-Escolar e no 1º Ciclo*. Universidade dos Açores: Departamento de Ciências de Educação.

Palma, J. (2006). *Manual de Práticas Ambientais para o Ensino Básico*. Porto: Gailivro.

Pato, M. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico*. Lisboa: Texto Editora.

Pereira, M. L. G. F. (1997). *Actividades Lúdicas e Resolução de Problemas*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.

Piaget, J. (1977). *O desenvolvimento do pensamento: equilibração das estruturas cognitivas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote;

Piaget, J. (1964). *Seis Estudos de Psicologia*. Lisboa: Publicações D.Quixote;

Pinto, J. (2001). *Interdisciplinaridade científica, curricular e educativa – Um estudo sobre o programa do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda

Pires, E.L. (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa: Edições Asa.

Pombo, O. (1994). *Interdisciplinaridade*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. (1992). *O computador: Um instrumento da educação*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. (1997). *As novas tecnologias e a educação*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. et al (2009). *Programa de Matemática*. Lisboa: Ministério da Educação.

Rebelo, D. et al (2000). *Fundamentos da Didáctica da Língua Materna*. Lisboa: Universidade aberta.

Reis, C. (coord.). (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação- Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Reis, P. (2011). *Observação de Aulas e Avaliação do desempenho Docente*. Lisboa: Ministério da Educação- Conselho Científico para a avaliação de Professores.

Ribeiro, A. C. (1992). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora.

Ribeiro, S. (2006). *Educação Ambiental, Envolvimento Familiar e mudança de comportamento*. Instituto de Psicologia Aplicada.

- Rocha, F. (1988). *Correntes Pedagógicas Contemporâneas*. Aveiro: Editora Estante.
- Rodrigues, A. V. (2000). *Monografia da Guarda, Pré-História, História-Arte*. Guarda: Santa Casa da Misericórdia da Guarda.
- Sá, J. & Varela, P. (2007). *Das Ciências Experimentais à Literacia*. Porto: Porto Editora.
- Salema, H. (1994). *Ensinar e aprender a pensar*. Lisboa: Texto Editora.
- Salema, H. (1997). *Ensinar e aprender a pensar*. Lisboa: Texto Editora.
- Santos, H. (1977). *Piaget na prática pedagógica*. Lisboa: Editorial Semente Lda.
- Santos, J. (1983). *Ensaio sobre a educação II: O falar das letras*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura- A compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC.
- Souza, F. (2009). *A degradação ambiental e o papel do educador*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sprithall. R. & Sprinthall. N. (1997). *A psicologia educacional – uma abordagem desenvolvimentista*. McGraw-Hill.
- Tavares, A. H. (2007). *A Motivação na Escola Activa*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Teixeira, O. M. & Ludovica, A. (2007). *A Educação Pré-Escolar: Currículo e Supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Valadares, J. & Graça, M. (1998). *Avaliando para melhorar a aprendizagem*. Lisboa: Plátano.
- Vasconcelos, N.F. (1999). *Projecto Educativo: teoria e prática nas escolas*. Lisboa: Texto Editora.
- Vasconcelos, T. (2007). A Importância da Educação na Construção da Cidadania. *Saber (e) Educar*, 12, pp.109-117.
- V.A, V.A. (2009). *Escola: problemas e desafios*. Guarda: IBEROGRAFIAS.
- Vieira, R. & Vieira, C. (2005). *Estratégias de Ensino/Aprendizagem*. Lisboa: Instituto de Piaget.
- Zabalza, M. (2003). *O Ensino Universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa. Educa.

Legislação

Circular nº 4, DGIDC, DSDC, 2011

Decreto-Lei nº6/2001 de 18 janeiro

Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro

Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março

Lei de Bases do Sistema Educativo, nº 46/1986 de 14 de outubro

Lei de Bases do Sistema Educativo, nº 49/2005 de 30 de agosto

Webgrafia

www.mun.guarda.pt, no dia 8 de maio de 2014.

ANEXO I



PLANO DE ATIVIDADES

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Teresa Galinho		
Aluno: Ana Catarina Teixeira		Local de Estágio: Jardim de Infância Póvoa do Mileu		
Nível de Ensino: Pré-Escolar		Data: De 29-04-2013 a 30-04-2013		
Grupo: 3 aos 5 anos		Tempo: Manhã e Tarde		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
- Conhecimento do Mundo; - Expressão e Comunicação	- Desenvolver o desejo de saber; - Proporcionar o interesse em comunicar; -Desenvolver o desenho como forma de escrita; -Desenvolver a motricidade fina;	- Saberes do mundo	- Folhas Brancas; - Lápis de Pintar; - Canetas de feltro; - Cartolina; - Maçã;	Observação Direta.

<p>- Formação Pessoal e Social.</p>	<p>- Desenvolver a cooperação e o trabalho de grupo;</p> <p>- Explorar o caráter lúdico;</p> <p>- Trabalhar transversalmente as diferentes áreas das Orientações Curriculares.</p>		<p>- Clip;</p> <p>- Anel;</p> <p>- Pulseira;</p> <p>- Mola;</p> <p>- Chave;</p> <p>- Botão;</p> <p>- Lego;</p> <p>- Borracha;</p> <p>- Peça de Madeira;</p> <p>- Balão;</p> <p>- Plasticina;</p> <p>- Folha de Papel;</p> <p>- Pedra;</p> <p>- Garrafa de plástico vazia;</p> <p>- Garrafa de plástico cheia;</p> <p>- Bola de Ping Pong;</p> <p>- Bola saltitona;</p> <p>- Tesoura;</p>	
-------------------------------------	--	--	--	--

- Elástico.

Atividades previstas para segunda-feira

- Jogo do cordão humano.
- Registo das conceções prévias sobre a flutuação em água doce.
- Experiência: “ Será que flutua ou não flutua?”.

Atividades previstas para terça-feira

- Jogo do lencinho.
- Registo da experiência do dia anterior.

Processos de Operacionalização:

Para darmos continuidade ao conteúdo relativo à água, pretendemos desenvolver uma experiência sobre a flutuação em água doce. Para a realização desta atividade experimental será feito o levantamento das concepções prévias sobre a flutuação com a questão "Flutua ou não flutua?" como recurso serão utilizados vários materiais mas sem experimentação. Em seguida serão experimentados os diferentes materiais. Após ser feita a experiência as crianças terão de fazer o registo daquilo que observaram e o preenchimento de uma ficha final.

ANEXO II



PLANO DE ATIVIDADES

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Teresa Galinho		
Aluno: Ana Catarina Teixeira		Local de Estágio: Jardim de Infância Póvoa do Mileu		
Nível de Ensino: Pré-Escolar		Data: De 06-05-2013 a 07-05-2013		
Grupo: 3 aos 5 anos		Tempo: Manhã e Tarde		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
- Conhecimento do Mundo; - Expressão e Comunicação	- Desenvolver o desejo de saber; - Proporcionar o interesse em comunicar; -Desenvolver o desenho como forma de escrita; -Desenvolver a motricidade fina;	- Saberes do mundo	- Folhas;	Observação Direta.

<p>- Formação Pessoal e Social.</p>	<p>- Desenvolver a cooperação e o trabalho de grupo;</p> <p>- Explorar o caráter lúdico;</p> <p>- Desenvolver o raciocínio;</p> <p>- Trabalhar transversalmente as diferentes áreas das Orientações Curriculares.</p>			
-------------------------------------	---	--	--	--

Atividades previstas para segunda-feira

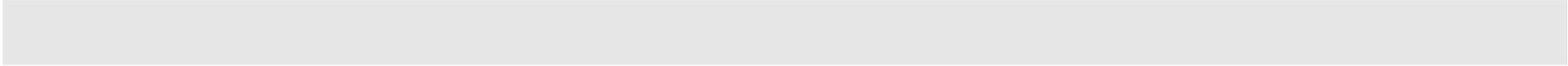
- Jogo das folhas de jornal.
- Construção do mar.
- Escolha de um animal marítimo com respetivo diálogo sobre os mesmos.
- Decoração dos animais escolhidos pelas crianças, com os respetivos nomes.
- Colagem dos animais no mar.

Atividades previstas para terça-feira

- Jogo dos peixinhos.
- Criar uma história sobre o mar e os seus animais.
- Representação da história.

Processos de Operacionalização:

Para darmos continuidade ao conteúdo relativo à água, vamos abordar a vida no mar. Antes será construído o mar em cartolina e papel crepe para que posteriormente sejam colados os respetivos animais decorados pelas crianças e os nomes correspondentes. Em seguida será criada uma história em conjunto com todas as crianças para uma posterior dramatização com fantoches.



ANEXO III



PLANO DE ATIVIDADES

PES I

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Educador Cooperante: Teresa Galinho		
Aluno: Ana Catarina Teixeira		Local de Estágio: Jardim de Infância Póvoa do Mileu		
Nível de Ensino: Pré-Escolar		Data: De 20-05-2013 a 22-05-2013		
Grupo: 3 aos 5 anos		Tempo: Manhã e Tarde		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
- Conhecimento do Mundo; - Expressão e Comunicação	- Desenvolver o desejo de saber <ul style="list-style-type: none"> • Compreender e dar sentido ao mundo dos seres vivos. - Fomentar o jogo dramático <ul style="list-style-type: none"> • Permitir o encadeamento de ações mais 	- Saberes do mundo	- Folhas; - Canetas; - Lápis; - Papel de cenário;	Observação Direta.

<p>- Formação Pessoal e Social.</p>	<p>complexas;</p> <p>- Desenvolver a cooperação e o trabalho de grupo;</p> <ul style="list-style-type: none">• Desenvolver a motricidade global;• Desenvolver o controlo motor.		<p>-Batatas;</p> <p>- Rolhas de garrafas;</p> <p>- Tinta;</p> <p>- Material de picotagem;</p> <p>- Caixas;</p> <p>-Brinquedos;</p> <p>- Bola.</p>	
-------------------------------------	--	--	---	--

Atividades previstas para segunda-feira

- Jogo “Vamos arrumar!”.
- Elaboração dos fatos das personagens da história para a dramatização.
- Elaboração de elementos decorativos para o painel do fundo do mar.

Atividades previstas para terça-feira

- Jogo “A rede dos peixinhos” .
- Continuação das atividades do dia anterior.
- Início do ensaio das falas das personagens.

Atividades previstas para quarta-feira

- Jogo “Batata quente” .
- Dramatização da história.
- Elaboração do placar sobre o fundo do mar.

Processos de Operacionalização:

Esta semana será a continuação da semana anterior. Para tal, será trabalhada a dramatização da história criada anteriormente e serão também construídos os adereços para a mesma.

Uma outra atividade prevista para esta semana prende-se com a construção do painel representativo do mar. Para isso, as crianças irão ter de decorar os elementos que constituem o fundo do mar.

ANEXO IV



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Professora Urbana Cordeiro		Prof. Cooperante: Professora Olívia Cunha		
Aluno: Ana Catarina Teixeira		Local de Estágio: Escola Básica Augusto Gil		
Nível de Ensino: 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico		Data: 03/02/2014		
Turma: F10		Tempo: 09h:00m/10h:30m		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português	<ul style="list-style-type: none">- Adquirir conhecimentos relativamente às formas de tratamento e de cortesia;- escutar para aprender e construir conceitos;- usar a palavra de forma audível, com boa articulação e entoação;- aprender a distinguir a linguagem formal e não formal;- reconhecer o método utilizado para escrever uma carta;- recorrer a um vocabulário adequado.	<ul style="list-style-type: none">- Articulação, entoação e pausa na leitura de textos;- formas de tratamento e cortesia;- a carta: aspetos essenciais para a redigir;- linguagem formal e	<ul style="list-style-type: none">- Fichas informativas;- caderno diário;. quadro.	<ul style="list-style-type: none">-Observação Direta: Comportamentos e atitudes.- Observação indireta: Resolução das atividades propostas.

		não formal.		
--	--	-------------	--	--

Processos de Operacionalização:

Motivação inicial: Questões relacionadas com as formas de tratamento e cortesia. “Quando vão ao médico como o cumprimentam?”, “E Quando vão ao jardim com um amigo?”.

A partir das questões anteriormente referidas serão exploradas as características da linguagem formal e não formal através da leitura e interpretação de dois textos distintos. No decorrer da exploração devem ser registadas todas as diferenças e semelhanças encontradas, questionando os alunos relativamente ao que irão observar.

Nesta sequência, os alunos serão novamente questionados em relação à linguagem utilizada numa carta escrita para duas identidades distintas.

À posteriori, deverão ser exploradas as marcas que caracterizam a escrita de uma carta, salientando os aspetos fundamentais em relação ao modelo de carta e de envelope.

Para finalizar os alunos deveram redigir uma carta seguindo o modelo apresentado.

Sumário: Formas de tratamento e cortesia. Linguagem formal e não formal. A carta.

ANEXO V



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Professora Urbana Cordeiro		Prof. Cooperante: Professora Olívia Cunha		
Aluno: Ana Catarina Teixeira		Local de Estágio: Escola Básica Augusto Gil		
Nível de Ensino: 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico		Data: 18/11/2013		
Turma: F10		Tempo: 09h:00m/12h:00m		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Matemática	<ul style="list-style-type: none">- Rever conteúdos anteriormente apreendidos;- resolver exercícios com precisão;- desenvolver o raciocínio matemático;- promover o cálculo mental;- comparar números e ordená-los em sequências crescentes e decrescentes;- resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos.	<ul style="list-style-type: none">- Estratégias de cálculo na resolução de exercícios;- diagrama de caule e folhas,	<ul style="list-style-type: none">- Ficha de consolidação;- quadro;- caderno.	<ul style="list-style-type: none">-Observação Direta: Comportamentos e atitudes.- Observação indireta: Resolução das atividades propostas.

Processos de Operacionalização:

O dia terá como motivação inicial questões relacionadas com as frações. A partir de um bolo questionam-se os alunos relativamente à representação da metade, do quarto, do terço dessa parte inteira.

Nesta sequência será distribuída pelos alunos uma ficha de consolidação com exercícios diversificados. Pretende-se que os alunos consigam interpretar os enunciados com eficácia e que respondam ao solicitado com precisão. Posteriormente, será realizada a correção conjunta da ficha, verificando as principais dificuldades dos alunos.

Sumário: Resolução de uma ficha de trabalho.

ANEXO VI



PLANO DE AULA

PES II

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Professora Urbana Cordeiro		Prof. Cooperante: Professora Olívia Cunha		
Aluno: Ana Catarina Teixeira		Local de Estágio: Escola Básica Augusto Gil		
Nível de Ensino: 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico		Data: 20/01/2014		
Turma: F10		Tempo: 15h:00m/16h:00m		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none">- Promover a realização de experiências com a água: evaporação, condensação, solidificação e precipitação.- Fomentar a curiosidade infantil pelos fenómenos naturais.- Encorajar os alunos a encontrarem respostas para os fenómenos naturais através de experiências.	<ul style="list-style-type: none">- Experiências com a água: distinguir sólidos de líquidos; a variação do estado dos materiais consoante a temperatura.	<ul style="list-style-type: none">- Azeite;- leite;- pedra;- vela de cera;- moeda;- 6 sacos de plástico transparentes;- 1 palito	<ul style="list-style-type: none">- Observação Direta: Comportamentos e atitudes.- Observação indireta: Resolução das atividades propostas.

--	--	--	--	--

Processos de Operacionalização:

Para finalizar o dia será explorada a área de Estudo do Meio. Como forma de interdisciplinar os alunos calculam através do método do enquadramento a área de um charco de água que desenham no caderno. Em seguida, são redigidas questões relativas aos diferentes estados da água e a partir desse ponto serão iniciadas experiências práticas relativas a essa questão. As experiências a serem desenvolvidas prendem-se com a questão da diferença entre sólidos e líquidos e ainda o comportamento dos materiais consoante a temperatura. Todas estas experiências constam no manual.

Sumário: Experiências com a água.

